



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

LETRAS – TRADUÇÃO – ESPANHOL – NOTURNO

Lílian Quétlen Coelho de Oliveira

Traduzindo o Mito: La Llorona

BRASÍLIA

1º2016

Lílian Quétlen Coelho de Oliveira

Traduzindo o Mito La Llorona

Projeto final de graduação apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel do Curso de Letras – Tradução Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr. Alicia Silvestre Miralles

BRASÍLIA

1º2016

Lílian Quétlen Coelho de Oliveira

Traduzindo o Mito La Llorona

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Lily Martínez

Prof. María Del Mar Paramos Cebey

Orientadora: Prof^a. Dra. Alicia Silvestre Miralles

Brasília, 10 de maio de 2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que com todo amor do mundo me mostraram o caminho certo a seguir, e ao meu Pai que está no céu, que é a razão de tudo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amor maior e razão da minha vida Jesus Cristo, que mesmo com meus erros me ama sem medidas.

Aos meus pais, Marlete e Washington, que foram sem dúvidas o motivo, e me deram o total incentivo para eu chegar onde cheguei.

Ao meu irmão e melhor amigo Willian que sempre me salva e me faz rir nos momentos mais inoportunos.

À minha Família, a tia Taty e a tia Carol sempre me motivaram e incentivaram a querer mais.

Agradeço à minha líder linda Pra. Rebeca Guerra, que sempre me ensina a ser uma pessoa melhor e tem sido minha mentora.

Às minhas discípulas, que mesmo com minha correria e falta de tempo, são as pessoas mais companheiras, carinhosas e engraçadas que existem.

Às minhas lindas companheiras de curso, Ísis, Jéssica e Nathasha, que fizeram meus dias serem melhores e me ajudaram a sobreviver a pressão.

Às minhas amigas da vida Carol, Hellen, Larissa, Emily, Ellen, Samêlla, Lohana, Gabriela, Isabela, Laís, Stefany e Rebeka que são a diversão da minha vida.

Aos meus companheiros de trabalho que viveram e sonharam junto a mim na realização desse trabalho.

À minha excelente orientadora Alicia Silvestre, que com magnanimidade e paciência guiou-me a completar minha carreira.

Agradeço também a todos meus professores Valeria Vera, Sandra María, Magali Pedro, María del Mar, Lucie de Lannoy, Júlio César, Luis Carlos, Gleiton Malta, que com maestria compartilharam suas sabedorias.

Muito obrigada a todos que de alguma forma me ajudou ao longo dessa jornada!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa conceitual de Holmes dos Estudos da Tradução (1972).....	15
---	----

RESUMO

Este Trabalho Final de Graduação consiste em apresentar uma proposta de tradução ao português da obra *La Llorona*, de Marcela Serrano, levando em conta a funcionalidade do texto na língua de chegada e mantendo sua essência traduzida. Ademais, este trabalho objetiva oferecer ao público-leitor brasileiro, mais uma oportunidade de deparar-se com a obra incrível, que trata de temas polêmicos em um formato de grande riqueza estilística, além de aproximar o leitor à experiência de uma literatura moderna, mesclada com o mito popular da cultura chilena. Assim, abordou-se sobre a teoria da tradução literária traz à tona problemas como invisibilidade, fidelidade e a dificuldade na tradução de um texto literário repleto de poesias.

Palavras – chave: *La Llorona*, Mito, Fidelidade, Tradução literária.

ABSTRACT

This Final work for The graduation is to present a proposal for the Portuguese translation of the work *La Llorona*, Marcela Serrano, taking into account the text functionality in the target language and maintaining its essence translated. Moreover, this work aims to offer the Brazilian readership, another opportunity to come across the amazing work that deals with controversial issues in a wide stylistic wealth format, in addition to bringing the player to experience a modern literature, mixed with the popular myth of Chilean culture. So The approach on literary translation theory brings up problems like invisibility, fidelity and the difficulty in translating a literary text full of poetry.

Key words: *La Llorona*, Myth, Fidelity, Literary translation

RESUMEN

Este trabajo final de graduación consiste en presentar una propuesta de traducción al portugués de la obra *La Llorona*, por Marcela Serrano, considerando la funcionalidad del texto en la lengua de llegada y conservando su esencia traducida. Asimismo, este trabajo objetiva ofrecer al público-lector brasileño, una oportunidad más en depararse con la obra increíble, que trata de temas polémicos en un formato de gran riqueza estilística, además de acercar el lector a la experiencia de una literatura moderna, mezclada al mito popular en la cultura chilena. De tal modo, se abordó acerca de la teoría de traducción literaria la cual trae a la discusión problemas de invisibilidad, fidelidad y dificultad, en la traducción de un texto literario lleno de poesías.

Palabras – claves: La Llorona, Mito, Fidelidad, Traducción Literaria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Apresentação.....	8
1.2 Objetivo.....	9
1.3 Justificativa.....	9
1.4 Metodologia.....	10
2. SOBRE A AUTORA.....	13
3. SOBRE A OBRA.....	14
4. CONEXÃO DO MITO COM A MULHER.....	16
5. A MULHER CHILENA DO SÉCULO XX.....	17
6. RELATÓRIO.....	19
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO	
(Tradução	–
<i>La</i>	
<i>Llorona</i>)	

1.INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Este trabalho tem como objetivo a tradução da obra *La Llorona* de Marcela Serrano do espanhol ao português. A tradutora¹ oferece neste Trabalho de Conclusão de Curso, uma tradução das primeiras 69 páginas. Os comentários relacionados à tradução e o seu processo estão inseridos no relatório, seguido das teorias utilizadas, dificuldades encontradas e alternativas escolhidas.

No decorrer do trabalho evidenciamos que a autora faz ligações e menções de temas que são pouco falados abertamente, por serem polêmicos. Temas como tráfico de recém-nascidos e de órgãos, feminismo, a disparidade de mundos (pobres e ricos). O fato de que esses temas estão inseridos em questões universais, facilita o entendimento da obra de uma forma meio singular e facilita o trabalho do tradutor. A conjunção destes temas resulta fundamental, pois contribui a atualizar o mito e confirmar que estamos diante de uma releitura do mito da *Llorona*. Através de uma personagem que atravessa a mesma dor visceral da perda dos filhos na atualidade, cria-se uma versão moderna do mito clássico.

O livro traduzido está fragmentado em cinco partes e cada uma dessas partes vem dividida em pequenos capítulos sobre os personagens principais. O primeiro, chamado Ella, fala sobre a protagonista. O segundo, sobre Olívia, a advogada que ajuda a protagonista na busca de sua filha. O terceiro e o quarto falam sobre Elvira e Flor, duas personagens coadjuvantes da história. Por fim, o último capítulo, Hoy, fala dos momentos finais da trama. .

A divisão do trabalho inicia com esta Introdução, contendo uma breve Apresentação, seguida do Objetivo, Justificativa e Metodologia. O segundo capítulo, abordará Sobre a Autora Marcela Serrano, e o terceiro capítulo, Sobre a Obra *La Llorona*. No quarto capítulo, o tema Conexão do mito com a mulher será tratado. O quinto capítulo versará sobre A mulher chilena do século XX, e em seguida, apresentar-se-á o Relatório, contendo as escolhas das traduções propostas pela autora do presente

¹ Refere-se à autora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

trabalho. Adiante, serão expostas as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas, e por fim, o Anexo da tradução completa.

1.2 Objetivo

Com a finalidade de melhor compreensão do leitor, a tradução apresentada neste trabalho teve como prioridade manter na língua de chegada os registros e a variedade estilística que conformam a riqueza literária do original, ao tempo que se tentava manter também os traços da cultura estrangeira. Sob a ideia de um encargo de tradução para o público brasileiro, o principal objetivo foi:

- Propor uma tradução do romance *La Llorona* que mantenha a fluidez, a profundidade e a riqueza do estilo literário do original, além de expor um pouco sobre o mito e a figura da mulher.

1.3 Justificativa

Desde o início do Curso de Tradução, sempre me interessei pela área de Textos Literários, por ser um campo de grande abrangência de estilos. Traduzir esse mundo presente na literatura é um grande desafio. O cuidado em levar exatamente o pensamento do autor e a significância da obra ao leitor, exige um cuidado específico, pois qualquer descuido pode alterar a composição da obra, e assim, sua interpretação.

Os temas abordados pela autora me trouxeram um incentivo a mais durante a leitura do livro, pois Marcela Serrano consegue tratar e denunciar temas polêmicos em um formato de grande riqueza estilística, por exemplo, na mudança de vozes ao longo do discurso, e também pela revisitação do mito na época atual. Destarte, ela leva o leitor a querer saber o desfecho final desde a leitura da primeira página. Por outro lado, a autora aproxima o leitor à experiência de uma literatura moderna, mesclada com o mito popular da cultura chilena, país de origem da autora.

A decisão do livro a ser traduzido foi realizada sob o conselho da Professora Váleria Leyton, que em sua matéria de Versão de Textos Literários, influenciou na escolha do próprio, pela originalidade da temática.

Assim sendo, as dificuldades encontradas no decorrer do trabalho, tornaram-se um estímulo na prática das táticas aprendidas ao longo do curso, pois a proximidade

existente entre o original e o texto de chegada podem, em vários momentos, supor um desafio para o tradutor no processo de tradução.

1.4 Metodologia

Este trabalho tem como sistema de pesquisa, a leitura prévia da obra *La Llorona* de Marcela Serrano, romance que aborda temas polêmicos. No mesmo estágio inicial, se compilaram teorias sobre tradução literária das vistas ao longo da minha formação acadêmica, assim como outras leituras relevantes. Leram-se também diversas fontes sobre o mito da *Llorona* que aparecem em vários países de Latino América, com o intuito de enquadrar melhor a obra e seus referenciais.

Deve-se levar em conta que, trata-se de um romance que tem como base e título um mito. É clara a ligação que a autora pretendia ressaltar entre sua obra e a lenda da *Llorona*. Neste pressuposto, não podemos deixar de considerar com atenção, na hora de traduzir, a estrutura do mito e sua linguagem:

tanto para el especialista en los orígenes grecolatinos de la civilización occidental, como en opinión del estudioso de la relación entre lenguaje y traducción, la vigencia del mito se asienta en un presupuesto polémico, su función sería la de obstaculizar la pérdida de los vestigios de la tradición cultural en la sociedad postindustrial (RODRIGO MORA, 1996: 82).

Para Hatim e Mason: “*Un mito equivale a un reajuste cualitativo en virtud del cual el signo, entendido como una suma total de expresión y contenido, puede funcionar él mismo como expresión para un nuevo contenido*” (HATIM & MASON, 1995: 145-147).

Portanto, ao nos encontrar diante da tradução de um romance com transfundo mítico, o tradutor deve adotar uma atitude metodológica contraposta à do estudante de semiologia, se realmente pretende tentar encontrar na língua de chegada, uma equivalência para a palavra mítica. Neste ponto, Hatim e Mason propõem quatro opções: transliterar o termo mítico, explicá-lo exaustivamente, transmitir seu conteúdo informativo, ou, por último, oferecer alguma indicação sobre o valor conotativo do termo (Hatim & Mason, 1995: 154-55).

Newmark após admitir a existência de “palavras convertidas em mitos”, em símbolos de intraduzibilidade e de consciência cultural, aconselha o uso da análise componencial, não para chegar à individualização de um termo equivalente na língua de

chegada, mas para aportar, dentro do texto traduzido, uma explicação das diferenças pragmáticas, por meio de uma nota ou de uma compensação.

Deve-se considerar ainda, que o conceito de “equivalência dinâmica” apontado por Nida (1964), deve ser tratado com cautela no caso de relatos míticos, pois a complexidade estrutural do referente mítico faz com que o “*concepto de equivalencia entre en crisis desde el momento que no sólo está determinado por las condiciones históricas, sociales y situacionales en el extremo lingüístico de partida, sino sobre todo por la falta de competencia del sistema receptor respecto a un concreto conjunto de creencias*”. (RODRIGO MORA, 1996: 85).

De outra parte, na caracterização do gênero da obra em análise, devemos entender que se trata de um “mito narrado”, atendendo à classificação feita por Rodrigo Mora (1996):

Mientras que la nominalización del mito se presenta en cualquier tipología textual, desde la filosófica hasta el anuncio televisivo, con la sola excepción de los textos técnico-científicos, el mito narrado aparece en cambio con preponderancia en la literatura de ficción, folclórica o individual, la cual es su auténtica conservadora, aunque haya que matizar que al mismo tiempo puede ser también su creadora. (RODRIGO MORA, 1996: 86)

Rodrigo Mora destaca ainda que, se bem por um lado a abertura para outros textos e seu entorno sociocultural dota de mobilidade ao processo de tradução, a referência a uma instância mitológica o ancora em uma única possível interpretação. Nas palavras de Greimas (1996: 124) “*la lectura del mito no debe ser sintagmática, no se tiene que adherir a la línea de la narración*”. Isto quer dizer que, enquanto na linguística aplicada um elemento intertextual pode se submeter no processo tradutório às leis da co-referencialidade, um signo mítico não pode ser substituído por um equivalente. O problema na tradução de uma palavra mítica procede de sua essência mono-referencial, que está a salvo de qualquer influência formal (cf. RODRIGO MORA, 1996: 86). Resumindo, segundo Rodrigo Mora, as dificuldades da tradução da palavra mítica são:

1. Enquanto um elemento mítico no texto de partida remete a um discurso e não estritamente a outro texto, e dado que a manifestação verbal do mito é uma única palavra, pode ser mito tudo aquilo que pode ser submetido às leis de um discurso.
2. O discurso no qual o mito se fundamenta, reflete sistemas culturais estáticos e particulares. Essa condição de estático se deve ao fato que uma determinada cultura tem encontrado uma resposta coletiva não racional a uma pergunta arquetípica.

3. Parece que com tudo o dito até agora, o elemento mítico seja explicável, mas ele é intraduzível. A impossibilidade de tradução não é linguística, mas cultural. (RODRIGO MORA, 1996: 89-90)

Tendo considerado todas estas condições especiais do gênero em questão, se procede a uma primeira tradução (rascunho), fase na qual se identificam já os principais problemas e desafios da tarefa. Ressalva-se, não obstante, que segundo a nossa concepção da tarefa tradutória, nenhuma tradução estará jamais permanentemente acabada. Em consequência, a proposta deste trabalho contribui aos Estudos da Tradução (ETs).

Na fase da tradução propriamente dita, foram feitas várias versões, com suas correções e observações. Essas versões consecutivas fornecem alternativas para os termos e contextos identificados previamente, como focos que precisarão de uma maior pesquisa. Por este motivo, a pesquisa se conduz tomando como eixo esses termos no desenvolvimento da tradução do texto, o que configura os temas principais do relatório. Nessa etapa, também se extraem os termos e expressões que servem de exemplos para o relatório de tradução, e se agrupam por categorias temáticas pertinentes.

O terceiro passo consiste em apresentar os trechos traduzidos e as dificuldades encontradas durante o processo, justificando suas opções e decisões, elaborando quadros comparativos que façam mais ágil a apresentação e a leitura.

Para finalizar, o quarto passo é a elaboração do relatório propriamente dito. Nele se encontram as teorias que constituem a base da tradução proposta.

2.SOBRE A AUTORA

A autora Marcela Serrano nasceu em Santiago do Chile, em 1951. Estudou Belas Artes na Universidade Católica do Chile e trabalhou no ambiente acadêmico e artístico.

Em 1991, publicou seu primeiro romance, *Nosotras que nos queremos tanto*, obra com que em 1994 obteve o Prêmio Sor Juana Inés de la Cruz. *Para que no me olvides* (1993) seu segundo romance, atingiu o topo da lista dos mais vendidos na Latinoamérica, e logo depois conquistou o Prêmio Municipal de Novela, o mais importante reconhecimento literário do Chile.

Apesar de se auto intitular uma escritora tardia, pois começou a escrever aos 38 e perto dos 40 teve seu primeiro livro publicado, é considerada um dos novos talentos da literatura latino-americana. Outras obras são *Antigua vida mia* (1995), *El albergue de las mujeres tristes* (1997) e *Nuestra Señora de la Soledad* (1999), que confirmou seu talento e se firmou com o público, sendo apontada como a escritora mais lida na América latina e Espanha.

Feminista assumida, em seus romances, as protagonistas sempre são mulheres. Marcela gosta de trazer à tona temas polêmicos como aborto, tráfico de crianças, entre outros. E com isso, vem agradando quem procura uma leitura agradável e simples sobre fatos reais.

Marcela Serrano atualmente vive entre Santiago do Chile e Buenos Aires. Suas obras foram traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema.

3.SOBRE A OBRA

A obra relata a história de uma mãe que, poucos dias depois de dar à luz, recebe a notícia de que sua filha havia morrido e que, como não havia ninguém da família no momento, a menina tinha sido cremada, mas a mãe não acreditou na história, pois sentia em seu coração que havia algo que não se encaixava. Portanto, decide ir a uma adivinha que confirma a sua suspeita de sua filha estar viva. Neste momento começa na trama a busca pela filha onde decide ir atrás da verdadeira história.

Unindo-se a mulheres que vivenciam o mesmo drama, a protagonista busca respostas e muda sua vida de maneira surpreendente. Com a ajuda de Olívia, uma advogada, mesmo sem ter instrução e o apoio do marido, ela inicia uma luta contra o sistema da região. Organiza uma associação que combate crimes como tráfico de órgãos e recém nascidos. Ganha a inimizade de muitas pessoas, que, para enfraquecê-la diante da sociedade, começam a chamá-la de “A Chorona”, associando-a à lenda. A autora faz ao longo dos capítulos uma crítica social e solidariedade entre as mulheres.

Depois de já ter alcançado o “sucesso” sua vida dá um reviravolta, e vai presa em um manicômio, pois viu um a menininha e teve certeza que era sua filha e em um momento de surto pega a criança e sai com ela em seus braços, mas a criança em questão era “filha” de uma importante pessoa do governo.

A trama continua de uma forma surpreendente, reencontra no “hospital” o seu primeiro amor em uma situação trágica e uma conhecida que são peças principais para o final feliz da trama.

Essa história se mistura com a lenda chilena que possui o mesmo título do livro *La Llorona*, lenda que relata a história de uma mulher que tinha um ciúme doentio por seu marido, pois achava que ele se dedicava mais aos seus filhos do que a ela. Por este motivo, ela afoga seus filhos em um rio. Quando seu esposo volta ao lar e pergunta pelas crianças, ela esconde a verdade, mas ele se dá conta que no rio havia duas crianças afogadas. O homem, atormentado pela dor, mata a esposa, cujo espírito fica chorando próximo ao rio em busca de seus filhos. Segundo Rodríguez-Salas, o mito da *Llorona*, pode ser entroncado com o mito canônico:

este estereotipo se corresponde con el de la *mater dolorosa* del feminismo occidental, sobre la que Kristeva teoriza en su ensayo “Stabat Mater”. Aunque la *Llorona* aparentemente se rebela contra el papel materno, finalmente lo acepta cuando se arrepiente de su acción liberadora pero criminal. Como la *Llorona* es un mito, podríamos interpretar el asesinato de los hijos como el asesinato simbólico del papel materno. Sin embargo, su arrepentimiento finalmente indica su regreso a la figura de la madre, de ahí el lazo que establezco entre los dos mitos, chicano y canónico. (RODRÍGUEZ-SALAS, 2001: 237)

O mito vem sendo relido ao longo de diferentes épocas e países, com algumas alterações do mesmo. Assim, podemos encontrar, por exemplo, as versões contemporâneas do mito de *La Llorona* de Monica Palacios, Sandra Cisneros, Angela de Hoyos e Rudolfo Anaya (1984), (cf. SIMERKA, 2000: 49-50).

La Llorona is a well known figure in the pantheon of Latino iconography; along with La Malinche and the virgin of Guadalupe, this murderous mother is considered a primary female archetype (Wyatt 244). Ray John de Aragon refers to La Llorona as a “classic legend”, a figure with roots in pre-Columbian religions who has inspired centuries of revisionary myth making. (SIMERKA, 2000: 49)

the Llorona myth is an endlessly changing legend, modified by storytellers to address themes central to their own psycho-social development and lifestyles (JONES, 1988: 197).

Com grande maestria, a autora mescla a história com a lenda, deixando o leitor intrigado com o final e totalmente envolvido, desejando saber com todo furor o desenvolver da trama. É uma história incrível, pois mescla os tempos, avança e retrocede e possui muita poesia, por isso resulta essencial assegurar que a tradução respeitará a riqueza do texto de partida.

O livro foi publicado pela editorial Planeta, em março de 2008, contém 167 páginas. A diagramação com letras grandes facilita a leitura, com o qual se consegue ler o livro em poucas horas.

4..CONEXÃO DO MITO COM A MULHER

Esse mito bate de frente com o estereótipo da mulher ideal, pois na sociedade atual uma mulher que mata seus filhos e totalmente rejeitada pela sociedade. É extremamente inconcebível aceitar a ideia de uma mãe que carrega seu filho por nove meses, e que por esse tempo passa a ter uma carga emocional e ainda é capaz de matá-lo. Já que é pregado que não existe um amor maior ou igual ao amor de uma mãe.

A mãe da história é o oposto do que o título possa insinuar, o livro não trata de uma mulher cujo pranto é permanente, por conta de um remorso causado pelo assassinato de seus próprios filhos. E, sim, a narrativa de uma mulher humilde em busca da filha que desapareceu do hospital poucos dias após o nascimento.

Trata-se de uma obra que faz uma releitura moderna do mito. A personagem principal passa da submissão ao marido, de um caráter tímido, da simplicidade de uma mulher do campo, a ser Presidenta de uma ONG junto com a advogada. Desta maneira, produz-se uma transmutação total da personagem, que a partir da sua muito dolorosa experiência, não se recolhe no pranto, mas torna-se conselheira em temas de feminidade e maternidade.

Essa referência causada pela a autora ao mito, refere-se ao grande amor da mãe que prefere morrer e ocasionalmente matar sua filha, mas por fim tê-la em seus braços do que considerar a ideia de jamais ter sua filha de volta, sabendo que está viva, mas já tem outra família.

Segundo Rosan Jordan, é importante estudar o folclore das mulheres porque elas constituem:

“an important means of indicating differences in male and female ethos and worldview and exposing ideologies that have been accepted as representing the total culture as reflecting only a male ideal” (ROSAN JORDAN, 1985: 42).

5.A MULHER CHILENA NO SÉCULO XX

No final do XIX e início do século XX- a mulher sofreu grandes mudanças que nunca, deixou o labor do lar e se dedicou a diferentes esferas, tais como: Política, Arte, Ciências e Educação, onde alcançou um surpreendente desenvolvimento durante os anos.

No Chile, que aqui será abordado já que para a melhor compreensão do tempo que se passava na história do livro aqui traduzido. Foi uma realidade que houve diversas repercussões políticas e sociais, tal como: As primeiras mulheres ingressando à Universidade; hoje circunstância bem natural mas que na época marcou uma incrível revolução onde a protagonista foi a mulher.

Os presidentes da época se esforçaram bastante e por muito tempo se dedicaram para que a mulher pudesse sentir-se verdadeiramente integrada. A mulher chilena não ficou para atrás dos grandes acontecimentos que ocasionaram o desenvolvimento político e histórico do país.

Um país com enormes desafios, Chile, fez com que seu povo enfrentasse situações novas. E nessas situações a mulher chilena não se ausentou, e com isso ocasionou a formação de um grupo cheio de ideias progressistas, e logo o Movimento feminino. Abaixo poderemos ver as etapas de desenvolvimento onde a mulher teve grande participação no ano de 1900 a 1953:

- Houve uma maior participação da mulher, dando origem as primeiras associações.
- Consegue se organizar politicamente e O Movimento Feminino chega ao topo onde consegue o direito ao Voto.

1953 a 1973

- Participação em partidos políticos, os que têm seções femininas.
- Reorganização do Movimento Feminino com fins políticos e sociais, em agrupamentos que superavam aos partidos.

Devido a ignorante crença dos homens da existência de uma tripla inferioridade, tais como: física, intelectual e moral, o desejo da participação feminina aumentou, e entraram com toda força tornando-se papéis fundamentais para a evolução do país.

6.RELATÓRIO

Ao atravessar o processo de pesquisa e de elaboração do trabalho, procurei analisar atentamente meu processo tradutório, sempre observando, avaliando e considerando os aspectos e conceitos discutidos ao longo da graduação. Tentei que se preservasse o mesmo prazer para o leitor do que experimentei na leitura do texto original. Explanarei ao longo desse relatório alguns pensamentos de teóricos da área com ênfase na impossibilidade da invisibilidade do tradutor.

Fazendo um breve resumo do que vem a ser a tradução é importante saber que concentra-se em uma área que abrange diversos conhecimentos, sendo assim não convém fazer um julgamento rápido e classificá-la como correta ou incorreta. Jakobson nos conduz a entender a tradução na visão de que o tradutor é um receptor que se transforma em emissor. Ele separa a tradução em três tipos:

- 1) A tradução Intralingual ou reformulação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- 2) A tradução Interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua;
- 3) A tradução Intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Neste trabalho usaremos a tradução interlingual, já que se trata de uma tradução do par de idiomas Espanhol – Português.

Na obra “A tarefa do tradutor”, Walter Benjamin exterioriza que, o tradutor não deve idealizar um leitor que se identifique com sua tradução, pois isso: “(...) toda a tradução é apenas uma forma, de algum modo provisória, de nos confrontarmos com a estranheza das línguas” (BENJAMIN, 1923: 110).

É fundamental explanar que o campo disciplinar em que esta pesquisa se incorpora é nos Estudos da Tradução. Dito campo disciplinar tem sido estudado por vários teóricos da área, como Holmes (1972), quem sugere um mapeamento dos Estudos da Tradução dividido em campos equiparando a variedade de abordagens da tradução e do ato tradutório. Seria uma disciplina empírica, com o objetivo de

“descrever os fenômenos no mundo de nossa experiência e estabelecer princípios gerais por meio dos quais os mesmos possam ser explicados e preditos” (Holmes, 1988, p.70-71).

Dividindo os Estudos da Tradução em dois grandes grupos, o dos estudos da tradução “puros” e o dos estudos da tradução “aplicados”, que por sua vez geram novas subdivisões, onde todos os grupos e subgrupos são inter-relacionáveis. O ramo de estudos puros se subdivide em dois sub-ramos:

Estudos descritivos da tradução, onde a finalidade é descrever os fenômenos da tradução.

Teoria da tradução, onde a finalidade é estabelecer os princípios gerais para explanação e predição destes fenômenos.

O sub-ramo de estudos descritivos da tradução, se subdivide em novos sub-ramos:

Estudos descritivos orientados para o produto, em que o objeto de estudo são as traduções existentes, comparadas em pares ou em múltiplas línguas, sincrônica ou diacronicamente.

Estudos descritivos orientados para a função, em que o objeto de estudo é o contexto sociocultural da tradução mais que a própria tradução.

Estudos descritivos orientados para o processo, onde a finalidade é a psicologia ou o processo cognitivo da tradução.

O sub-ramo de teoria da tradução, por sua vez, se subdivide em dois sub-ramos adicionais:

Teorias gerais, ou teorias que buscam descrever todo tipo de tradução para fazer generalizações relevantes para o campo como um todo.

Teorias parciais, restritas por parâmetros específicos.

As teorias parciais, restritas por determinados parâmetros, são assim designadas:

Teorias restritas por meio dizem respeito à tradução humana e automática, subdividindo-se conforme aspectos destes meios são focalizados.

Teorias restritas por área são relativas a línguas específicas, guardando proximidade com os trabalhos da linguística e da estilística contrastiva.

Teorias restritas por nível são teorias linguísticas restritas, até a época da apresentação de Holmes, ao nível da palavra e da frase, mas cada vez mais ampliando o nível de análise para o texto.

Teorias restritas por tipo de texto onde a finalidade é descrever tipos discursivos ou gêneros.

Teorias restritas por tempo dizem respeito a quadros ou períodos de tempo específicos, por exemplo, as teorias de história da tradução.

Teorias restritas por problema dizem respeito a problemas específicos, como o da equivalência ou o dos universais da tradução.

O ramo de estudos aplicados da tradução inclui:

Formação do tradutor (métodos de ensino, avaliação e etc).

Ferramentas de tradução (dicionários, gramáticas e tecnologia da informação, etc).

Crítica da tradução (avaliação de traduções, tanto aquelas feitas por estudantes em sala de aula quanto aquelas feitas por profissionais e publicadas).

Esta pesquisa localiza-se dentro dos Estudos Aplicados da Tradução, de acordo com o mapa proposto por Holmes, com o escopo direcionado na formação em tradução da autora deste projeto final. Veja-se a seguir o esquema gráfico, proposto por Holmes:

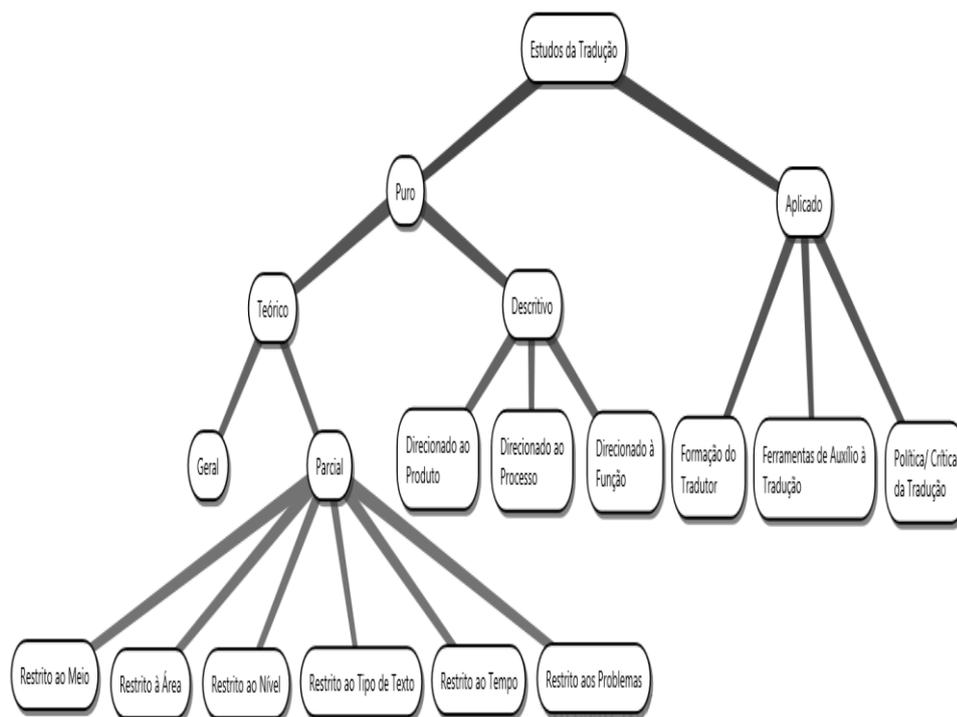


FIGURA 1 – Mapa de Holmes
 Fonte: Pym e Turk, (1998: 278)

Podemos propor que a categorização deste trabalho no mapa conceitual de Holmes seria nos estudos aplicados, ao ir direcionada para a prática da tradutora em formação. Como esta é uma tradução funcional, dirigida ao produto, este trabalho mostrará algumas problematizações entre o texto de chegada e o texto de partida.

A tradução é feita por meio da interpretação que o próprio tradutor faz do texto. Deste modo, ele torna-se responsável por como a mensagem chegará ao receptor. Examinando por esse lado, é praticamente impossível o tradutor traduzir algo sem fazer uma interpretação na sua leitura. Como saber qual seria a intenção do autor? Para ter a total certeza de que seria aquela a mensagem que o autor queria expressar, deveríamos entrar em contato com o mesmo para saber realmente qual sua intenção ao escrever cada frase da sua obra, mas isso nem sempre é possível.

Como tradutores, devemos então fazer uma pesquisa profunda sobre o trabalho que vamos realizar, enquadrando a obra no seu contexto histórico e estilístico. Mesmo assim, algumas decisões serão tomadas por causa das crenças, isto é, a concepção que o próprio tradutor tem de certo ou errado. Exatamente nesse ponto, vemos que a fidelidade, no sentido de não mudar nada é verdadeiramente um ideal difícil de ser

transmitido.

Essa perspectiva de que a tradução está sujeita à interpretação do tradutor é apoiada por Christiane Nord, pesquisadora alemã e tradutora frisa que:

A forma na qual o texto original se apresenta ao tradutor é um produto das diversas variáveis da situação (tempo, lugar, meio) na qual ele foi escrito, enquanto a maneira que essa forma é interpretada e entendida pelo tradutor, ou qualquer outro receptor, é guiada pelas variáveis da nova situação de recepção. (NORD, 2006: 32).

Levando isso em conta, é possível dizer que o tradutor é um intérprete do que traduz, e com isso, é apto a gerar infinitas compreensões a respeito do texto.

O tradutor tem a árdua tarefa de, ou ser fiel protegendo a língua de partida, ou ser infiel usando também a língua para alterá-la. Ele deve estar ciente dos riscos envolvidos. É necessário ter equilíbrio e bom senso para construir a tradução. Convém então preservar a língua de partida e construir as nuances certas para que o leitor da língua de chegada possa obter a mesma fluidez na sua leitura, e não perceber uma desenvoltura forçada, porém dentro da funcionalidade do texto. É neste sentido que o tradutor deve ser invisível. Deve-se pensar em como transferir o conteúdo completo para o leitor do texto meta, o que constitui um desafio para o tradutor, especialmente tratando-se da tradução de textos literários que apresentam particularidades peculiares.

É importante também ter um pouco de ousadia calculada, isto é, usar termos que mantenham a originalidade e a criatividade do texto de origem. É indispensável entender que o trabalho do tradutor requer pesquisas aprofundadas e certezas em suas escolhas. A tecnologia vem assessorando muito nas pesquisas ao disponibilizar *corpora*, dicionários e bases de dados terminológicas online.

Nessa esfera nos deparamos com o conceito de Berman (2007: 62) sobre a letra. Ele explica que traduzir a letra de um texto não significa impreterivelmente traduzir palavra por palavra, pois há grande probabilidade dessa tradução não transmitir o sentido do original.

Para isso vem nos auxiliar o conceito apontado por Eugene Nida (1964) da “equivalência dinâmica”, segundo o qual a tradução será uma transferência de sentido, tirando na grande maioria das vezes, a incerteza da estranheza da língua de partida para lograr maior precisão na língua de chegada, não no sentido de facilitar a leitura, mas sim

no de promover uma melhor captação e plena compreensão dos significados.

O tradutor também é um mediador de culturas, já que em diversas traduções deve encontrar o correspondente na língua traduzida. Cada escolha acarreta em uma sequência de decisões em que o tradutor é levado a utilizar a sua sensibilidade e intuição além de manter a coerência textual e macro-textual. Dado que se trata de um campo onde o tradutor exhibe sua ideologia e adquire uma responsabilidade sobre o produto, ele terá que lidar com as consequências de suas escolhas. De fato, isso pode ser comprovado em cada revisão, já que muito frequentemente cada nova leitura tende a mudar a perspectiva e ocasiona mudanças sobre as próprias decisões, assim, antigas versões podem ser recusadas ou reformuladas por ele mesmo em um futuro não muito longínquo: “A fidelidade na tradução de cada palavra isolada, quase nunca é capaz de reproduzir plenamente o sentido que ela possui no original” (BENJAMIN, 1923: 114).

Segundo Britto (2010), o primeiro a levantar essa problemática das decisões imprescindíveis que são tomadas por tradutores literários foi Schleiermacher, em seu ensaio “Sobre os diferentes métodos de tradução”, de 1813; o autor alemão diz que o tradutor tem duas opções: ou traz o texto ao leitor, “domesticando-o” ou leva o leitor até o texto, “estrangeirizando-o”. Schleiermacher assegura que são métodos bem distintos um do outro e devem ser seguidos rigorosamente do início até o fim.

Britto (2010) também ressalta um aspecto muito importante que deve ser levado em conta no ato de traduzir: quanto maior a distância entre a cultura-meta e a cultura-fonte, a escolha do tradutor se torna menos problemática. Meschonnic (2010) afirma que as traduções não traduzem nem palavras, nem frases, mas sim obras, discursos.

(...) uma concepção geral da linguagem sobre a tradução aparece plenamente na fenomenologia que põe a linguagem no compreender de um interpretante, de onde traduzir, interpretar, compreender são equivalentes, e toda relação interpessoal, intercultural, toda troca de pensamento é tradução (MESCHONNIC, 2010: 35).

A seguir, serão apresentados alguns dos problemas de tradução enfrentados e as devidas estratégias aplicadas:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Meterse con nadie”	Se importar com ninguém
“Me mofé”	Debochei
“Me incluían a regañadientes, sin hablarme ni tomarme en cuenta”	Incluía-me, bufando, sem falar nem me notar

Durante a pesquisa em vários sites², averigui que significava “levar em conta” e no contexto preferi o sinônimo “sem me notar” por dar mais ênfase ao que entende-se ser a intenção da autora. A frase acima exemplifica aquilo que Meschonnic (2010) pensa a respeito de que a tradução não é de palavras, mas sim de discurso. Se fosse traduzido palavra por palavra, a frase acima não proporcionaria o sentido que pretende o texto de partida.

Isto acontece com outros contextos, como por exemplo, em alguns lugares onde percebi expressões idiomáticas, então procurei um correspondente. No texto original aparece “romperse la espalda”, que não possui uma tradução exata ao português. Com a pesquisa, deduzi que quer dizer algo parecido com ‘trabalhar muito duro’. Em alguns dicionários³ onde a pesquisa foi feita, a expressão não aparecia. Continuando a pesquisa, descobri uma expressão que parecia ser equivalente (“romperse el lomo”) e que é usada em contextos semelhantes. Com isso, decidi a utilização de uma expressão equivalente no português “Estar dando duro” que transmite o esforço intenso e considero que se encaixa sem perder o sentido original, dando um resultado consistente no português. Aqui fomos um pouco mais livres, seguindo as ideias de Haroldo de Campos, quem respalda a Walter Benjamin ao dizer que tradução é recriação, transculturação e que a tradução vai além da transmissão do conteúdo referencial (CAMPOS, 2011). Podemos ainda oferecer outro exemplo:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
De niña me sentaba en sus rodillas	Quando criança eu sentava no seu colo

² <http://www.interglot.es/diccionario/es/>, <http://www.wordreference.com/espt/tomar%20en%20cuenta>, <http://www.linguee.com.br/portugues-espanhol/search?source=auto&query=tomar+en+cuenta>.

³ Por exemplo: [wordreference.com](http://www.wordreference.com), [rae.es](http://www.rae.es), [linguee.es](http://www.linguee.es).

Decidi utilizar o termo “no seu colo”, porque traduzindo palavra por palavra seria “em seus joelhos” que não é usado aqui no Brasil, e nem tem o sentido carinhoso que essa parte do texto expressa.

a) Impessoalidade

Em segundo lugar, percebeu-se que o discurso da autora possui muitos recursos para distanciar e dar um tom despersonalizado. No quadro abaixo podemos ver que a autora opta por colocar algumas expressões para distanciar a protagonista do outro personagem, mesmo sendo ele bem próximo (marido, filha). Apesar dessa distância na letra, a autora deixa explícito o carinho entre os personagens (no caso de sua filha, com frequência a trata como “a menina”). Isso se repete em muitas ocasiões ao longo do livro. Também há nesta direção, o uso do artigo determinado em lugar do possessivo, no caso do marido. Optei por permanecer com o mesmo formato, para não fugir do estilo da autora.

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Le hablé mucho a la niña	Falei muito com a menina
Mi niña	Minha menina
El marido había tomado mucho.	O marido tinha bebido muito.

b) Vocabulário

No quadro abaixo, destaca-se alguns exemplos particulares de escolhas léxicas. Algumas foram elaboradas com o único intuito de não distanciar do texto original, outras pela comprovação por meio de pesquisas, e também pelo fato da tradutora ser falante nativa da língua de chegada.

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Tortillas	Omelete.
Tranquilita	Tranquilzinha

Primerizas	Mães de primeira viagem. Mãezinhas.
Parir	Parir
Celo	Excitado
¡ Mamacita!	Meu Deus!
que aprendiera desde chica,	que aprendesse desde menina,
Ellos dormían de a dos, en cambio, yo tenía toda una cama para mí...	Eles dormiam de dois em dois, já eu tinha uma cama toda para mim.
Paquetería	Armarinho

No primeiro exemplo, decidi optar por “omelete”, após pesquisar imagens e receitas. Foi vendo algumas imagens que identifiquei que as “tortillas” chilenas são parecidas com nossa omelete, já que as mesmas o ingrediente principal é o ovo.

No caso de “tranquilita”, utilizei dando o valor de diminutivo na palavra, da mesma forma que aparece no texto original.

Pesquisando na internet, achei blogs e sites⁴ e vi que o termo é muito usado, e dará, portanto o sentido que supõe-se que a autora quis expressar (uma mulher que acaba de ser mãe, com o nascimento de seu primeiro filho) por isso decidi inserir na tradução.

Outro termo que foi encontrado diversas vezes⁵ é “primerizas”, o qual é utilizado como uma forma alternativa de chamar as “mães de primeiras viagens”. Decidi colocá-lo para não repetir o termo.

“Parir” e “Cio” me pareceram termos adequados a pesar de serem toscos e mais utilizados para animais. Decidi empregá-los para manter o tom frio e

⁴ <http://www.blogmaedprimeiraviagem.com/>, <http://br.guiainfantil.com/materias/gravidezprimeira-gravidez-conselhos-para-maes-de-primeira-viagem/>, <http://www.maedprimeiraviagem.com.br/http://anjos-travessos.blogspot.com.br/2013/04/gravidinhas-e-maezinhas.html>, <http://www.gravidinha.com.br/>, etc.

⁵ <http://www.chilenacocina.com/2013/02/tortilla-chilena.html>

desumanizado do relato. No caso de “mamacita”, apesar da tradução literal significar “gata, gostosa” essa palavra no texto vem sempre no final, dando, portanto ênfase a frase. Coloquei por fim, a expressão “Meu Deus!” que é um termo emotivo usado no mesmo sentido. Apesar de estar bem distante do significado palavra por palavra.

Apesar de “chica” significar frequentemente ‘menina’, nesta parte do texto decidi usar “nova”, já que o texto remete a um conhecimento que a personagem teve quando era ainda criança, e esse pode ser outro valor entre as acepções da palavra no original.

Na tradução palavra por palavra, “em cambio” seria “em troca”, porém, utilizei o termo “já eu” trazendo ao leitor um melhor entendimento do sentido da frase, usando termos coloquiais do português utilizados aqui na língua de chegada.

O caso “paquetería” exigiu também um esforço por compreender a realidade sociocultural e econômica do ambiente, no qual a história se desenvolve. Decidi colocar “armarinho” depois de várias pesquisas, pois identifiquei que alguns dos objetos descritos demonstram que a loja não era uma loja de embalagens, e sim, o local habitual onde se vendiam agulhas, botões, laços, fitas e etc. Vejamos a seguinte citação: “Fui a uma loja onde tudo era lindo, agulhas, fios, botões de pérola, encaixe, borlas coloridas, tiras bordadas, varas.” Nos encontramos novamente diante de uma adaptação cultural.

c) O discurso quase ilógico

Em algumas partes do texto, a autora usou uma corrente de pensamentos que tem por sua definição, a “coleção sem interrupções nem travas de pensamentos ou ideias na mente consciente. Na literatura, se refere ao fluxo desses pensamentos, com referência a um processo de pensamento de caráter particular. Este recurso literário se utiliza geralmente com o fim de oferecer uma narração em forma de pensamentos dos personagens no lugar de utilizar o diálogo ou a descrição”⁶, que é uma mistura de linguagem narrativa com o pensamento da protagonista.

Exemplo 1

⁶ figurasliterarias.org/content/corriente-de-conciencia.

<p>Pobrecita, quería regalarme a su niño, que por favor me lo llevara y lo criara con la mía. El bebé era de colores claros, muy bonito y mamón, lloraba como un grande y la chiquilla se lo ponía al pecho y entonces lloraba ella. La cama de los llantos, la bauticé yo, si no lloraba una lloraba el otro...</p>	<p>Pobrezinha, queria me presentear seu filho, que por favor eu levasse ele e criasse junto com a minha. O bebê era de cor clara, muito bonito e mamava muito, chorava como gente grande e a menininha colocava ele no peito e então ela começava a chorar. A cama dos prantos, eu que batizei, se não chorava um chorava o outro...</p>
--	--

Como vemos, a autora justapõe estilo direto e indireto e se duplica como autora e personagem, tomando um ponto de vista de terceira pessoa sobre si mesma. Constitui outro exemplo desse distanciamento acima mencionado e supõe uma estratégia para que o leitor perceba que psicologicamente, a intensidade da dor faz com que a mulher procure se defender, vendo o assunto como se tivesse acontecido a outra mulher. De fato, é um registro que revela a proximidade de uma perturbação psíquica.

Exemplo 2

<p>Un colosal chorro de agua salpicaba todo. Grité a la vecina para que corriera a la carnicería y pidiera el taxi. Aguántese, señora, aguante un poco más, rogaba el hombre, como si no estuviera acostumbrado a los partos en el asiento de atrás...</p>	<p>Um jato de água gigante molhava tudo. Gritei a vizinha para que ela corresse no açougue e chamasse um táxi. Agente senhora, aguente um pouco mais, implorava o homem, como se não tivesse acostumado com os partos no banco de trás...</p>
--	---

Em continuação com o discurso anterior, as expressões emocionais tem grande valor no texto. Em diversas partes, o estado emocional e psicológico da protagonista narradora é alterado, ou seja, ela vive o tempo inteiro uma mistura de emoções, tais

como raiva, esperança, ódio, alegria, satisfação.

O texto começa com um discurso que parece quase loucura “Desperté cuando pedí verla y nadie me la supo encontrar. Se acabó la hora de visitas, me dijeron; que me retirara, que ya era de noche. No me moví. Matarlos a todos, sí, que se murieran. Recé a Dios que enviara un cataclismo y destruyera la ciudad entera, que se derrumbara piedra a piedra todo el hospital...” que foi traduzido por “Acordei quando pedi para vê-la e ninguém soube encontrá-la. Acabou-se o horário de visitas, me disseram; que eu me retirasse, que já era noite. Não me movi. Matar a todos, sim, que morram. Rezei a Deus para que enviasse um cataclismo e destruísse a cidade inteira, que derrubasse pedra por pedra de todo o hospital...”

Não obstante, à medida que a narração avança, a voz da narradora vai ficando mais racional. Seu trauma é tão grande, que em alguns momentos ela começa a se culpar para descarregar a consciência, usando termos como “Hubiese sido yo la asesina” traduzido por “Oxalá tivesse sido eu a assassina”; ao mesmo tempo recusa a morte, não aceita “não” como resposta. Acredita que seus instintos estão corretos e se aferra a qualquer ajuda, como no caso da adivinha: “A escondidas, visité a una adivina en un caserío cerca del pueblo. Tenía casi cien años y lo veía todo a través de las hojas del té. Me mordía los labios cuando por fin me senté a su mesa. De antemano prometí que si ella la veía muerta, me quedaría tranquila” traduzido por “Escondida, visitei uma adivinha em um casebre perto do povoado. Tinha quase cem anos e via tudo através das folhas de chá. Eu mordia os lábios quando enfim sentei à sua mesa. De antemão prometi que se ela a visse morta, eu ficaria tranquila...”.

d) Metáforas

Que se define por:

Uma figura de linguagem onde se faz a comparação de palavras em que um termo substitui outro. É uma comparação abreviada em que o verbo não está expresso, mas subentendido.”

Linguagem poética

Que se define por:

É aquela que põe em evidência a forma da mensagem, ou seja, que se preocupa mais em *como dizer* do que com *o que dizer*. O escritor, por exemplo, procura fugir das formas habituais e expressão, buscando deixar mais bonito o seu texto, surpreender, fugir da lógica.

Abaixo alguns exemplos:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Las cenizas no se visten, las cenizas no pasan frío.	As cinzas não se vestem, as cinzas não sentem frio.
Media garganta grita también a medias.	Meia garganta também grita pela metade.
Miraría escarbar a los perros, tocaría los nudos, nombraría las cosas, todo lo caído sería sólo lo caído.	Olharia garatujar aos cães, pegaria os nós, nomearia as coisas, todo o caído seria só o caído.
De niña me sentaba en sus rodillas y cuando volvía del trabajo tocaba la armónica mientras se ponía el sol, deteniendo la luz con sus notas musicales. Convencido de que el cielo esperaba su tonada antes de mancharse.	Quando eu era pequena sentava em seu colo e quando voltava do trabalho tocava a harmônica durante o pôr do sol, detendo a luz com suas notas musicais. Convencido de que o céu esperaria sua música antes de ir

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, visava-se traduzir a obra *La Llorona* de Marcela Serrano. Enfrentou-se dificuldades no texto e através de estratégias de tradução específicas e percorreu-se vários caminhos para ultrapassar cada uma delas.

Traduzir é uma experiência enriquecedora para o tradutor, pois nos deparamos continuamente com estilos, técnicas e temáticas diferentes. No ato da tradução nos convertemos em leitor da obra original, tradutor e leitor da tradução. Com cada mudança de olhar e de foco, se produzem novas compreensões que nos levam a tentar resolver todas as particularidades oriundas dessas leituras e perspectivas.

Houve ao longo do processo, uma constante preocupação para que o texto perdesse o mínimo na sua caracterização ao chegar à língua de chegada, já que considerou-se que o tradutor tem o encargo de tratar com uma cultura diferente e levá-la ao entendimento de outra.

A tradutora percebeu que apesar de ter lido a obra previamente, as escolhas se diversificam e podem mudar em cada releitura, de maneira que, por exemplo, uma primeira decisão léxica, poderá se desenvolver por caminhos totalmente distintos aos previstos, durante o processo das sucessivas revisões da tradução. Percebeu-se assim mesmo que, no ato de traduzir, as escolhas podem ser auxiliadas por bases teóricas, ao tempo que o próprio conhecimento da tradutora sobre a língua e a cultura de destino, permite uma maior adequação e fluidez no texto resultante.

Em consequência, espera-se, sobre tudo, que o trabalho tenha alcançado o objetivo de levar o leitor a uma experiência emocional de intensidade equiparável à qual foi proporcionada na leitura do original. Ademais, pretendeu-se mediar culturas e fazer correspondências da melhor maneira, observando os aspectos e elementos relevantes no ato tradutório.

8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAYA, Rudolfe. “La Llorona, El Kookooee, and Sexuality”, *The Bilingual Review* 17.1 (1992): 50-55.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou O albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **A Tarefa do Tradutor**. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem..* São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 20
- CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2011.
- CISNEROS, Sandra. *Woman Hollering Creek and Other Stories*. New York: Random House, 1991.
- DE ARAGON, Ray John. *The Legend of La Llorona*. Las Vegas, N.M.: Pan American Pub. 1980.
- GREIMAS, A. J. *Del senso*. Milano, Bompiani, 1996.
- HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies. Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1972,1988
- JONES, Pamela. “There Was a Woman: La Llorona in Oregon”, *Western Folklore*, 473 (1988), pp. 195-211.
- JORDAN, Rosan A. “The Vaginal Serpent and Other Themes from Mexican-American Womenis Lore” 26, 44, em *Women's Folklore, Women's Culture*, Rosan A. Jordan and Susan J. Kalcik, eds. Philadelphia, PA: U Pennsylvania P., 1985.
- MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução: Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. Paris: Verdier, 2010.
- NIDA, Eugene. *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- Nord, C., «**Loyalty and Fidelity in Specialized Translation**», *Confluências. Revista de Tradução Científica e Técnica* 4 (2006), 29-41.
- PYM, A. & TURK, H. *Translation Studies*. In: BAKER, M. (Org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

RODRIGO MORA, María José. “**La palabra mítica y su traducción**”, *Atti del XVII Convegno [Associazione Ispanisti Italiani]*: Milano 24-25-26 ottobre 1996, Vol. 2, 1998 (Lo spagnolo d'oggi: forme della Comunicazione), pp. 81-92.

RODRÍGUEZ-SALAS, Gerardo. “**Sandra Cisneros y su nueva definición de los estereotipos chicanos de género en Woman Hollering Creek**”. Em: F. Eguíluz, et al. (eds.) *Aztlán: ensayos sobre literatura chicana*. País Vasco: Universidad del País Vasco, 2001, pp. 235-242.

SIMERKA, Barbara, “**Women Hollering: Contemporary Chicana Reinscriptions of La Llorona Mythography**”, *Confluencia*, Vol. 16, No. 1 (Fall 2000), pp. 49-58.

SITES CONSULTADOS

ANDRESSA CAPUANNI. Gravidinhas e mãezinhas. Disponível em <<http://anjos-travessos.blogspot.com.br/2013/04/gravidinhas-e-maezinhas.html>> Acessado em: 15 de Fevereiro de 2016.

COZINHA CHILENA. Disponível em <<http://www.chilenacocina.com/2013/02/tortilla-chilena.html>> Acessado em: 23 de junho de 2016

DANIELE PAULA. Resenha La Llorona. Disponível em <<http://mundodadanipaula.blogspot.com.br>> Acessado em: 15 de Fevereiro de 2016.

ÉL RINCÓN DEL VAGO. Dicionário eletrônico. Disponível em <<http://html.rincondelvago.com/diccionario>> Acessado em: 16 de Fevereiro de 2016.

FERNANDA FRIO. As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br>> Acessado em: 18 de abril de 2016.

HELDER GUÉGUÉS. Então já não é. Disponível em <<http://linguagista.blogs.sapo.pt/expressoes-fixas>> Acessado em: 18 de abril de 2016.

INTERGLOT. Dicionário eletrônico. Disponível em <<http://www.interglot.es/diccionario/e>> Acessado em: 16 de Fevereiro de 2016

MULHER CHILENA SÉCULO XX. Sociedade de Chile. Mulheres. Feminismo. Evolução política. Crescimento da educação feminina. Disponível em: <<http://www.resumosetrabalhos.com.br/mulher-chilena-no-seculo-xx.html>> Acessado em: 15 de junho de 2016

LINGUEE. Dicionário eletrônico. Disponível em: <<http://www.linguee.es/>> Acessado em: 24 de setembro de 2016.

PAULO HENRIQUES BRITTO, O tradutor como mediador cultural. Disponível em <http://gerflint.fr/Base/Bresil_special2/britto.pdf>Acessado em: 19 de março de 2016.

PRIMEIRA GRAVIDEZ. Conselhos para mães de primeira viagem. Disponível em: <<http://br.guiainfantil.com/materias/gravidezprimeira-gravidez-conselhos-para-maes-de-primeira-viagem>> Acessado em: 15 de Fevereiro de 2016

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Dicionário eletrônico. Disponível em: <<http://www.rae.es/rae.html>> Acessado em: 24 de março de 2016.

ROMAN JAKOBSON. Aspectos linguísticos da tradução. Disponível em <<http://disciplinas.stoa.usp.br/>> Acessado em: 18 de abril de 2016.

TARINGA. Dicionário eletrônico de palavras chilenas. Disponível em <<http://www.taringa.net/posts/humor/15384585/Frases-tipicas-chilenas.html>> Acessado em: 16 de Fevereiro de 2016.

WIKIPEDIA. Dicionário eletrônico. Disponível em <<https://es.wikipedia.org>> Acessado em: 10 de Novembro de 2015

WORDREFERENCE. Dicionário eletrônico. Disponível em: <<http://www.wordreference.com/>> Acessado em 24 de março de 2016.

YAHOO. Dicionário eletrônico. Disponível em <<https://mx.answers.yahoo.com>>

Acessado em: 16 de Fevereiro de 2016.

ANEXO

(Tradução – *La Llorona*)

Por LÍlian Quétlen Coelho de Oliveira

Tú la mataste.

Eso me dijeron en el pueblo. Y me llamaron la Llorona.

No porque derramara lágrimas sin ton ni son. Nunca regalé el llanto, ni de pequeña. Hoy era calladito. Hasta mis gritos se ahogaban como si me atravesaran la garganta con una herramienta afilada de las que se encuentran en el potrero. Media garganta grita también a medias. Me llamaron así por la leyenda, por el alma en pena de una madre que asesinó a sus hijos ahogándolos en el río. Dicen que vaga por las noches en los lugares cercanos llorando y lamentando sus muertes. Dicen también que las noches de tormenta se abren ante ella sin descanso y el corazón se le escapa del cuerpo junto a sus sollozos. Es la Llorona.

Hubiese sido yo la asesina. Miraría escarbar a los perros, tocaría los nudos, nombraría las cosas, todo lo caído sería sólo lo caído. Pero cuando mis vecinas me vieron volver con las manos vacías, no me creyeron. Que cómo, que ayer la niña estaba bien, que dónde el cadáver, que qué funeral, que nada. Me fui hacia el río como la asesina de la leyenda y lloré.

Lloraba por sus manos calentitas. No tenían ruido esos recuerdos. Había caminado y caminado hiriendo mis pies sin poder creer que hubiese muerto. Las vecinas tenían razón, mejoraba ese viernes cuando la vi por última vez en la hora de visitas. El sábado me la perdí porque estaba en rayos. Hasta el polvo del camino se helaba el domingo cuando llegué al

Você a matou.

Isso me disseram na vila. E me chamaram de A Chorona.

Não porque derramasse lágrimas à toa. Nunca chorei a toa, nem quando criança. Hoje meu pranto era silencioso. Até meus gritos se afogavam como se atravessassem minha garganta com uma ferramenta afiada das que se encontram no potreiro. Meia garganta também grita pela metade. Chamaram-me assim, por conta da lenda, pela alma de uma mãe em desespero que assassinou seus filhos afogando-os no rio. Dizem que vaga pela noite nos lugares próximos chorando e lamentando suas mortes. Dizem também que as noites de tempestade se abrem diante dela sem descanso e o coração escapa do corpo junto aos seus soluços. É a Chorona.

Oxalá tivesse sido eu a assassina. Olharia garatujar aos cães, pegaria os nós, nomearia as coisas, todo o caído seria só o caído. Mas quando minhas vizinhas me viram voltar para casa com as mãos vazias, não acreditaram. Que como assim, que ontem a menina estava bem, que onde que estava o cadáver, que qual funeral, que nada. Fui até o rio como a assassina da lenda e chorei.

Chorava por suas mãos quentinhas. Não tinham ruído essas lembranças. Havia caminhado e caminhado ferindo meus pés sem poder acreditar que estivesse morta. As vizinhas tinham razão, melhorava aquela sexta quando a vi pela última vez no horário de visitas. No sábado a perdi porque estava tirando radiografia. Até o pó do caminho ficava gelado no domingo

hospital; pensaba en esas manos chiquitas y tibias que me quitarían el frío mío, las que podría besar cuantas veces se me antojara. Se lo cuento a ustedes, de esta forma me lo dijeron: Señora, su hija ha muerto. Nada más. Que fuera a hablar al primer piso. No podía moverme, sentía mi cuerpo aún más entumecido que al llegar, ya no sólo las manos sino toda entera, la cabeza, el corazón. Nadie me compadecía. Inerte, tomé el teléfono público y llamé al padrino. Seguro que él hizo los trámites, el marido estaba en la construcción y la obra no tenía teléfono. El dueño del taxi de la carnicería fue a avisarle.

Recuerdo primero el frío, luego el hielo, al fin la pesadilla. Desperté cuando pedí verla y nadie me la supo encontrar. Se acabó la hora de visitas, me dijeron; que me retirara, que ya era de noche. No me moví. Matarlos a todos, sí, que se murieran. Recé a Dios que enviara un cataclismo y destruyera la ciudad entera, que se derrumbara piedra a piedra todo el hospital y su gente, una a una esas enfermeras que hablan bajito como si consolaran, uno a uno esos doctores, los que no estaban para *cosas administrativas*, como si la muerte fuese cosa de administración, los dioses esos sin alma. Cuando al fin llegó el marido la cosa se puso fea, que quería enterrar a su hija, que quería verla muerta. A puro calmante le bajaron sus gritos. Nos fuimos a la mañana siguiente y la luz barrió la pena helada. Me agité con una rabia nueva, desconocida, era urgente esta rabia, se pegaba a mi esqueleto: debía

quando cheguei ao hospital; pensava nessas mãos pequenininhas e morninhas que tirariam meu frio, as que eu poderia beijar quantas vezes eu quisesse. Eu o conto para vocês tal como eles me o disseram: Senhora, sua filha morreu. Nada mais. Que fosse falar no primeiro andar. Não podia me mover, sentia meu corpo ainda mais dormente que ao chegar, não só as mãos, mas eu inteira, a cabeça, o coração. Ninguém me compadecia. Inerte, peguei o telefone público e chamei o padrinho. Certamente ele resolveu os trâmites, o marido estava na construção e lá na obra não tinha telefone. O dono do táxi do açougue foi avisá-lo.

Lembro primeiro do frio, logo do gelo, por fim o pesadelo. Acordei quando pedi para vê-la e ninguém soube encontrá-la. Acabou-se o horário de visitas, me disseram; que eu me retirasse, que já era noite. Não me movi. Matar a todos, sim, que morram. Rezei a Deus para que enviasse um cataclismo e destruísse a cidade inteira, que derrubasse pedra por pedra de todo o hospital e sua gente, uma a uma daquelas enfermeiras que falam baixinho como se consolassem, um a um daqueles médicos, os que não estavam para *coisas administrativas*, os deuses sem alma. Quando enfim chegou o marido, a coisa ficou feia, que queria enterrar sua filha, que queria vê-la morta. Só com calmante baixaram seus gritos. Fomos na manhã seguinte e a luz varreu a tristeza gelada. Me mexi com uma nova raiva, desconhecida, era urgente esta raiva, grudava ao meu esqueleto; devia encontrar o corpo da

<p>encontrar el cuerpo de la niña, despedirme de ella.</p> <p>Fueron dos días de trámites mientras su cuerpito frío de muerte deambulaba vagabundo en algún lugar sin vestido para enterrarse. Nos recibió el mandamás y nos habló de la incineración. A la hora del fallecimiento no estábamos, según él; hubo que enviarla a la morgue, son los procedimientos, un cuerpo no reclamado, mucho muerto para poco espacio. Yo estaba aquí el día domingo, señor, llegué temprano y no me moví. Silencio. Y estuvimos el lunes, y el martes. No me he movido del hospital. Yo estaba aquí. Yo estaba aquí. Pero nada. Entiendo su arrebato, señora, me hago cargo de su dolor. El marido se asustó con mis gritos y mi empeñamiento. Con tanta insistencia mía. Recibió el certificado de defunción. Vámonos de una vez para siempre, me dijo, no volvamos a pisar este lugar.</p> <p>Las cenizas no se visten, las cenizas no pasan frío.</p> <p>En la única iglesia del pueblo prendieron velas a la virgen, hicieron misa de entierro que no era entierro y cada uno para su casa, mis pechos cargados de leche y, zumbando la cabeza llena de vientos helados, oía el murmullo de las vecinas: la Llorona, la Llorona. Si al menos el marido escuchara, pero él siempre callado, sin meterse con nadie. Su hermana vino a cuidarme.</p> <p>Se me cortó la leche, no fui más a trabajar y quería morir. Sólo eso recuerdo.</p>	<p>menina, me despedir dela.</p> <p>Foram dois dias de trâmites, enquanto seu corpinho frio de morte perambulava vagabundo em algum lugar sem vestido para ser enterrado. Recebeu-nos o responsável e nos falou da incineração. À hora do falecimento nós não estávamos, segundo ele; teve que enviá-la ao necrotério, são os procedimentos, um corpo não reconhecido, muito morto para pouco espaço. Eu estava aqui no domingo, senhor, cheguei cedo e não me mexi. Silêncio. E estivemos na segunda, e na terça. Eu não tenho saído do hospital. Eu estava aqui. Eu estava aqui. Mas nada. Entendo sua raiva senhora, me coloco em seu lugar. O marido se assustou com meus gritos e obstinação. Com tanta insistência minha. Recebeu a certidão de óbito. Vamos de uma vez por todas, para sempre, me disse, e não voltaremos a pisar nesse lugar.</p> <p>As cinzas não se vestem, as cinzas não sentem frio.</p> <p>Na única igreja da vila, prenderam as velas na virgem, fizeram uma missa de enterro que não era enterro e cada um foi para sua casa, meus peitos cheios de leite e zumbindo a cabeça cheia de ventos gelados, ouvia murmúrios das vizinhas: a Chorona, a Chorona. Se ao menos o marido escutasse, mas ele sempre calado, sem se importar com ninguém. Sua irmã veio cuidar de mim.</p> <p>Meu leite secou, não fui mais trabalhar e queria morrer. Somente essa lembrança.</p>
---	--

Algún lunes nebuloso lavaba yo la ropa en la artesa cuando algo me pasó por el cuerpo y me quedé sin movimiento. No sé bien qué vi, quizá oí una voz, no lo sé, pero créanme, mi corazón tuvo una certeza: la niña estaba viva. No se les había muerto, me la habían robado. La idea ondulaba en torno a mí, liviana y cierta, como rodea el sol a la mañana. Apurada, me sequé las manos y partí, dejando la ropa mojada y sin colgar. Tomé el colectivo, fui a la obra a ver al marido y se lo conté. Me mandó de vuelta, que parara el cuento, que hiciera otro niño, que para eso era joven, que terminara con la historia esta. Ya en la casa tomé una silla de la pieza y la instalé bajo la palma, el único árbol de nuestro jardín. Mi cuñada había partido. Estaba sola. Eso me gustó, me permitía un destierro. Nunca entonces me sentaba a pensar, ni se me ocurría hacerlo, ignorante sobre si otros tenían el tiempo y las ganas de tal ocio. Sólo pensar. Sentada bajo el árbol, en compañía de unos pájaros a los que no miré, cruzadas las manos serenas sobre el vientre, hice un esfuerzo por recordar. Con calma y precisión asalté uno a uno los momentos. Se equivocaban las vecinas si pensaban que, indiferente, le había dado un empujón al tiempo.

El pueblo en el que vivía estaba a media hora de la ciudad que no por llamarse ciudad era grande ni importante. Sólo resultaba la más cercana. Allí, el hospital de mis pesares. También me empeñaba en el lavado aquel día cuando, tendiendo una sábana, levanté los brazos y algo

Alguma segunda nublada, eu lavava a roupa no tanque, quando algo passou pelo meu corpo e fiquei sem movimento. Não sei bem o que vi, talvez ouvisse uma voz, não sei, mas acredite, meu coração teve uma certeza: a menina estava viva. Não tinha morrido, eles me a haviam roubado. A ideia ondejava ao meu redor, leviana e certa. Apressada, sequei as mãos e parti, deixando a roupa molhada e sem estender. Peguei um ônibus, fui até a obra do meu marido e contei para ele. Mandou-me voltar, que eu parasse de sonhar, que a gente ia fazer outro filho, que para isso era jovem, que eu terminasse com aquela história. Já em casa, peguei uma cadeira, e a coloquei embaixo da única arvore do nosso jardim. Minha cunhada tinha partido. Estava sozinha. Gostei disso, me permitia um exílio. Nunca então me sentava a pensar, nem sequer me ocorria fazer isso, ignorante sobre se outros tinham o tempo e o desejo de tal ócio. Somente pensar. Sentada embaixo da árvore, na companhia de alguns pássaros que eu não olhei, as mãos cruzadas serenamente sobre o ventre, fiz um esforço para lembrar. Com calma e precisão fui repassando cada momento um a um. Erraram as vizinhas se pensavam que, indiferente, havia dado um empurrão ao tempo.

A vila em que eu vivia, estava a meia hora da cidade que não por se chamar cidade era grande nem importante. Só era a mais próxima. Ali o hospital dos meus pesadelos. Com muito empenho trabalhava naquele dia, quando, estendendo um lençol, levantei os braços e algo

reventó. Un colosal chorro de agua salpicaba todo. Grité a la vecina para que corriera a la carnicería y pidiera el taxi. Aguántese, señora, aguante un poco más, rogaba el hombre, como si no estuviera acostumbrado a los partos en el asiento de atrás.

Llegué al hospital de la ciudad con la niña entre las piernas, directa al pabellón. Menos mal, insistía el taxista a quien quisiera oírle, secándose las gotas de sudor con un pañuelo a cuadros, menos mal que la hizo. Y sí, la hice. Un parto fácil y rapidito. Los aullidos, de cuerpo entero, no me fallaron porque no había anestesia para el dolor. La niña salió grande y larga, morenita, con mucho pelo enmarañado y buena salud. Me llevaron a la pieza de posparto con otras cinco mujeres. En la cama del lado izquierdo lloraba una chiquilla de dieciséis años porque había escondido el embarazo con una faja, saliendo de la casa de sus padres por el fin de semana con la disculpa de buscar trabajo. Debía volver lo antes posible, sin nada entre las manos. Pobrecita, quería regalarme a su niño, que por favor me lo llevara y lo criara con la mía. El bebé era de colores claros, muy bonito y mamón, lloraba como un grande y la chiquilla se lo ponía al pecho y entonces lloraba ella. La cama de los llantos, la bauticé yo, si no lloraba una lloraba el otro. Las enfermeras, preocupadas, me llevaron aparte para pedirme que la vigilara: podía matarlo. Bestias envenenadas incapaces de distinguir el miedo de la maldad. Al lado derecho, se hinchaba de orgullo una mujer con su sexto

explodiu. Um jato de água gigante molhava tudo. Gritei à vizinha para que ela corresse no açougue e chamasse um táxi. Aguente senhora, aguente mais um pouco, implorava o homem, como se não estivesse acostumado com os partos no banco de trás.

Cheguei ao hospital da cidade com a menina entre as pernas, direta ao pavilhão. Menos mal, insistia o taxista para quem quisesse ouvir, secando as gotas de suor com um lenço quadriculado, menos mal que a fez. E sim, eu a fiz. Um parto fácil e rapidinho. Os gritos, de corpo inteiro, não me falharam porque não havia anestesia para a dor. A menina saiu grande e longa, moreninha, com muito cabelo emaranhado e boa saúde. Me levaram para a sala de pós-parto com outras cinco mulheres. Na cama do lado esquerdo chorava uma menininha de dezesseis anos porque havia escondido a gravidez com uma cinta, saindo da casa de seus pais no final de semana, com a desculpa de procurar emprego. Deveria voltar o quanto antes, sem nada nos braços. Pobrezinha, queria me presentear seu filho, que, por favor, eu o levasse e o criasse junto com a minha. O bebê era de cores claras, muito bonito, mamava muito e chorava como gente grande e a menininha o colocava no peito e então ela começava a chorar. A cama dos prantos, eu que a batizei, se não chorava um, chorava o outro. As enfermeiras preocupadas me chamaram para ir para um canto e pediram para vigiá-la: podia matá-lo. Bestas envenenadas incapazes de diferenciar o medo da

hijo, más manos para labrar la tierra y cuidar a sus animales. Su marido la veneraba por parir tanto varón. Fue una buena compañía, su experiencia ayudó a la mía y me sujetaba la cría cuando me venían los dolores al útero, porque su hijo nunca lloraba y a ella los dolores no la atacaban. Nos conocimos bastante las parturientas, nos obligaban a caminar por la sala y conversábamos y nos ayudábamos con los recién nacidos y la preparación de los tectitos, cada vez más tibios a medida que avanzaba el día, repartían el termo sólo de mañana. Nos permitían una hora de visitas diaria, no siempre funcionaba, los maridos trabajaban y pocas tenían familia en la ciudad. Buscar signos de nacimiento en esos cuerpos tan chiquitos fue un pasatiempo. Por más que busqué, la mía no tenía ninguno. Y si se te pierde, ¿cómo la vas a distinguir? me preguntó la que lloraba todo el día. ¿Y por qué se me va a perder? le respondí. Mi vecina mostraba un lunar enorme bajo el brazo de su niño, no importa, decía, si total es hombre. Como si fuera un potrillo ya marcado. Para toda la vida.

Por fin llegó el cuarto día, la fecha de mi alta. Una enfermera nueva se presentó esa mañana, parecía más importante que las otras por el uniforme que llevaba. Habló muy bajo con la chiquilla de los llantos y, apenas hubo cerrado la puerta, ella nos contó: el mismo hospital le había conseguido una madre para su hijo, era un secreto, no habría nada legal, nada de papeleos,

maldade. Do meu lado direito, se inflava de orgulho uma mulher com seu sexto filho, mais mãos para lavrar a terra e cuidar dos seus animais. Seu marido a venerava por parir tantos meninos. Foi uma boa companhia, sua experiência me ajudou e ele me sujeitava a cria quando vinham as dores no útero, porque seu filho nunca chorava e a ela as dores não a atacavam. Conhecemos-nos bastante as parturientes, nos obrigavam a caminhar pela sala, conversávamos e nos ajudávamos com os recém-nascidos e a preparação dos chazinhos, cada vez mais mornos à medida que o dia avançava, dividiam a garrafa térmica de café somente pela manhã. Nos permitiam uma hora de visita por dia, nem sempre funcionava, os maridos trabalhavam e poucas tinham família na cidade. Buscar sinais de nascimento em corpos tão pequeninhos virou um passatempo. Por mais que procurei, a minha não tinha nenhum. E se você perder ela, como vai diferenciar? Me perguntou a que chorava o tempo todo. E porque eu perderia ela? lhe respondi. Minha vizinha mostrava uma pinta enorme debaixo do braço de seu filho. Como se fosse um potrinho já marcado. Para a vida toda.

Por fim chegou o quarto dia, a data da minha alta. Uma enfermeira nova se apresentou essa manhã, parecia mais importante que as outras pelo uniforme que levava. Falou muito baixo com a menininha dos prantos e, apenas fechou a porta, ela nos contou: o mesmo hospital havia conseguido uma mãe para seu filho, era um segredo, não havia nada legal, nada de papelada, perfeito para ela,

perfecto para ella, nadie se enteraría de su situación. Me contó que su papá era capataz de un campo ganadero, orgulloso de su ascenso y cercano a sus patronos, gente muy católica y tradicional. Podría perder el trabajo si se enteraban del desliz de su hija, quien además ayudaba en la casa patronal cuando la familia llegaba a sus vacaciones. El padre de la criatura era un hermano del patrón. Cuando ella le informó del embarazo, él amenazó con deshacerse del niño en su vientre, sabía cómo hacerlo, pero ya era tarde. Sin tristeza, me explicó que él no era malo, sólo venía de una familia estricta. Estaba de novio con una señorita de la capital y esto podía arruinarlo todo. Tan joven la chiquilla y ya tenía un sentido de realidad formado. Bien por ella, pensé, para que no sufra. Se la veía aliviada mientras se preparaba a partir. Quizá se rompiera al separarse del recién nacido, creería en un dios desgraciado al entregarlo, sentiría un óxido corroyendo algún vacío al partir sin él. Pero no, se marchó a retomar su vida como si el parto no hubiese sido más que un sueño malo.

Partidos ya el dúo de llorones, me adormeció el silencio de la cama a mi lado. Cuando desperté, mi niña estaba ardiendo. Que no me preocupara, dijo la enfermera, sólo tenía fiebre. No me dieron el alta esa noche para llevársela a ella. A la mañana siguiente la vi en una sala con otros recién nacidos y pude tocarla y amamantarla. Tres días estuvo hospitalizada, la fiebre bajaba y bajaba y la vi sana y fuerte en mis visitas. Un virus, me explicaron, en un par de días

ninguém saberia de sua situação. Contou-me que seu pai era capataz de um campo de gado, orgulhoso de sua promoção e próximo aos seus patrões, gente muito católica e tradicional. Podia perder seu trabalho se soubessem do desliz de sua filha, que além disso ajudava na casa grande quando a família chegava de férias. O pai da criatura era um irmão do patrão. Quando ela contou a ele da gravidez, ele a ameaçou com se desfazer do menino em seu ventre, sabia como fazer, mas já era tarde. Sem tristeza, me falou que ele não era mau, somente vinha de uma família estricta. Estava de noivo de uma senhorita da capital e isso podia arruinar tudo. Tão jovem a menininha e já tinha um sentido de realidade formado. Bom para ela, pensei, para que não sofra. Ela parecia aliviada enquanto se preparava para partir. Quem sabe se rompesse ao se separar do recém-nascido, acreditaria em um deus desgraçado ao entregá-lo, sentiria uma ferrugem corroendo algum vazio ao partir sem ele. Mas não, partiu a retomar sua vida como se o parto não tivesse sido nada mais que um sonho ruim.

Tendo ido embora a dupla de chorões, me adormeceu o silencio da cama do meu lado. Quando acordei, minha filha estava ardendo. Que eu não me preocupasse, disse a enfermeira, somente tinha febre. Eles não me deram alta essa noite para poder levá-la embora. Na manhã seguinte a vi em uma sala com outros recém-nascidos e pude tocá-la e amamentá-la. Três dias estive hospitalizada, a febre abaixava, abaixava e eu a vi curada e forte nas minhas visitas. Um vírus, me explicaram, em dois

podría dejar el hospital. Cuando fui a visitarla el sábado estaba en rayos y no pude verla. Ahí detuve mis recuerdos.

¿Para qué las radiografías si sólo tuvo un virus? Que sus pulmones podrían haberse afectado con la fiebre, era bueno revisarla antes de darle el alta. En ese momento agradecí que el hospital se preocupara tanto, las colas en rayos eran largas. Me sentí en privilegio, la loca del privilegio, la loca, la loca. Recién sentada bajo la palma de mi jardín me pregunté si el día de las supuestas radiografías no la tendrían ya en otro lugar, preparando la entrega.

La última vez que la vi, aquel viernes, le prometí traerle un nombre en mi próxima visita. (Todavía no nos poníamos de acuerdo entre los que habíamos elegido.) Yo sé que ella lo entendió, sé que sus ojos me vieron, lo sé porque sí, porque la parí. Y le conté, por si no lo sabía, que sus manitas eran tibias y que me gustaban tanto.

Muchos días estuve callada y pensando y recordando. Me portaba bien para no alertar al marido. Veía a la niña sin cesar, a veces sobre la cama, otras en el patio, desnuda. No alcancé a ponerle su ropita, estaba helada. Tratava de hacerla entrar en calor pero se me desaparecía. Entonces rogaba desesperada para recuperar el delirio y volver a tocarla.

A escondidas, visité a una adivina en un caserío cerca del pueblo. Tenía casi cien años y lo veía todo a través de las hojas del té. Me mordía los

días poderia deixar o hospital. Quando fui visitá-la no sábado estava tirando radiografias e eu não pude vê-la. Ai parei minhas lembranças.

Para que radiografias se só tinha um vírus? Que seus pulmões poderiam ter sido afetados com a febre, era bom revisar antes de dar alta. Nesse momento agradeci que o hospital se preocupasse tanto, as filas para a radiografia eram enormes. Me senti privilegiada, a louca do privilégio, a louca, a louca. Recém sentada embaixo da palmeira do meu jardim, me perguntei se no dia das supostas radiografias, já não a teriam em outro lugar, preparando a entrega.

A última vez que eu a vi, aquela sexta, prometi lhe trazer um nome em minha próxima visita. (Ainda não estávamos de acordo entre os nomes que havíamos escolhido). Eu sei que ela entendeu, sei que seus olhos me viram, sei porque sim, porque eu a parí. Eu lhe contei, caso ele não o soubesse, que suas mãozinhas eram mornas e que eu gostava tanto delas.

Muitos dias estive calada e pensando e lembrando. Me portava muito bem, para não alertar o marido. Via a menina sem parar, às vezes sobre a cama, outras na área, nua. Não alcancei a colocar sua roupinha, estava gelada. Tratava de fazê-la entrar no calor, mas ela desaparecia. Então eu clamava desesperada para recuperar o delírio e voltar a tocá-la.

Escondida, visitei uma adivinha em um casebre perto da vila. Tinha quase cem anos e via tudo através das folhas de chá. Eu mordía os

labios cuando por fin me senté a su mesa. De antemano prometí que si ella la veía muerta, me quedaría tranquila. Luego de un largo silencio me dedicó una sonrisa pequeña sin un solo diente, y con un manojo de huesos tomó la mano mía. La niña vive, dijo bajito. Me habló de una cuna con velos, de una mujer clara que le cuidaba el sueño. La vio sana. Vive en una casa muy grande, me dijo, debe de ser gente rica. Le pedí la descripción de la casa y el barrio para ir a buscarla. Sólo vio ladrillos rojos, un jardín inmenso y unas ventanas blancas. Nada más.

Salí a buscar. Ni miré el pueblo, no valía la pena. Me fui a la ciudad de mis pesares, tal vez cerca del hospital. Por días y días salía el marido a trabajar y detrascito partía yo. ¡Cuántos buses tomé, mamacita! Llegué a conocer metro a metro la asquerosa ciudad esa. Y sus alrededores. Cada suburbio. Nada. Ni ladrillos rojos, ni ventanas blancas ni jardín inmenso. Volví a la adivina. Por segunda vez miró las hojas y por segunda vez apareció la casa. La misma descripción, ningún dato nuevo. ¿Y no se te ha pasado por la mente, chiquilla, que esta casa puede estar en la capital, o tal vez en el extranjero? Con su voz bajita agregó, no sigas, mujer, es el destino.

Fui a la policía y puse una denuncia por secuestro. Esa misma noche llegaron dos agentes a mi casa para que la ratificara. El marido les mostró el certificado de defunción y a la mañana siguiente me mandó al campo, donde mis padres.

lábios quando enfim sentei à sua mesa. De antemão prometi que se ela a visse morta, eu ficaria tranquila. Depois de um grande silêncio me deu um sorriso pequeno sem um só dente, e com um maço de ossos pegou minha mão. A menina vive, disse baixinho. Me falou de um berço com véus, de uma mulher clara que cuidava do seu sono. A viu com saúde. Mora em uma casa bem grande, me disse, deve ser de gente rica. Pedi a descrição da casa, o bairro para ir buscá-la. Só viu ladrilhos vermelhos, um jardim imenso e umas janelas brancas. Mais nada.

Sai a procurar. Nem olhei a vila, não valia a pena. Fui na cidade dos meus pesadelos, talvez perto do hospital. Por dias e dias saía o marido para trabalhar e após ele saía eu. Quantos ônibus peguei, meu Deus! Cheguei a conhecer de ponta a ponta aquela cidade nojenta. E seus redores. Cada subúrbio. Nada. Nem ladrilhos vermelhos, nem janelas brancas, nem jardim imenso. Voltei na adivinha. Pela segunda vez olhou as folhas e pela segunda vez apareceu a casa. A mesma descrição, nenhum dado novo. Não passou pela sua cabeça, querida, que esta casa pode estar na capital, ou talvez em outro país? Com sua voz baixinha completou, não continue, mulher, é o destino.

Fui na polícia e registrei uma ocorrência de sequestro. Nessa mesma noite chegaram dois agentes na minha casa, para que eu explicasse. O marido mostrou a certidão de óbito e na manhã seguinte me mandou ao campo, à casa dos meus

<p>Estaba descontrolada: ésa fue la sentencia.</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Ser pobre es tantas cosas además de la falta de dinero. Me lo enseñó mi padre en la infancia y lo repitió ahora. Ni él ni mi madre creyeron que estaba loca, ni siquiera errada. No sería la primera vez que a una mujer sin recursos la dejan sin el cadáver de su bebé. Eso dijo mi papá. ¡Ay, si lo hubiese escuchado el marido mío! Pero él nació en la ciudad, no era campesino como yo, creía en otras cosas.</p> <p>Durante mi embarazo le hablé mucho a la niña. Lo había leído en una revista en el consultorio. Para que no se asustara al nacer, que reconociera algo, aunque sólo fuera mi voz dentro de ese mundo nuevo.</p> <p>Mi mamá hablaba con las aves y con los animales que estaban a su cargo, no con nosotros. Era cariñosa, pero en silencio. Sin dispendio. De pequeña, me gustaba mi mamá. Rechazaba la injusticia. Si había un pan, se repartía, nada de favoritismos. En eso se diferenciaba de otras mujeres de campo. Mi papá alegaba poco porque ella no le aguantaba. Una vez mataron una gallina y él quería un pedazo grande. El que se rompe la espalda soy yo, me lo merezco, dijo. Ella no respondió, sirvió una presa a cada hijo y luego le pasó la olla. Ni siquiera al plato. Nadie dijo nada, tampoco él. Mis hermanos la respetaban. Cruzaron la frontera durante la crisis y siguieron cruzando fronteras y no volvieron. Le envían dinero. Ella no se queja por no verlos, agradece</p>	<p>pais. Estava descontrolada: essa foi a sentença.</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Ser pobre é muito mais do que a falta de dinheiro. Me ensinou meu pai na minha infância e repetiu agora. Nem ele, nem minha mãe acreditaram que eu estava louca, nem sequer errada. Não seria a primeira vez que uma mulher sem recursos fica sem o cadáver do seu bebê. Isso disse meu papai. Ah, se eu tivesse escutado meu marido! Mas ele nasceu na cidade, não era camponês como eu, acreditava em outras coisas.</p> <p>Durante minha gravidez, falei muito com a menina. O tinha lido em uma revista no médico. Para que não se assustasse ao nascer, para reconhecer algo, ainda que fosse só a minha voz dentro desse mundo novo.</p> <p>Minha mãe falava com as aves e com os animais que estavam ao seu cuidado, não com a gente. Era carinhosa, mas em silêncio. Sem desperdício. Desde pequena eu gostava da minha mãe. Rejeitava a injustiça. Se houvesse um pão, repartia, nada de favoritismos. Nisso se diferenciava das outras mulheres do campo. Meu pai falava pouco, porque ela não o ouvia. Uma vez mataram uma galinha e ele queria um pedaço grande. Quem dá duro sou eu, eu mereço, disse ele. Ela não respondeu, serviu uma parte a cada filho e passou para ele a panela. Nem sequer no prato. Ninguém disse nada, muito menos ele. Meus irmãos a respeitavam. Cruzaram a fronteira durante a crise e continuaram cruzando fronteiras e não voltaram. Enviam-lhe dinheiro.</p>
---	---

que estén vivos.

Yo salí habladora, desde chiquita preguntaba todo. Siempre pedía explicaciones y era buena para la risa. Mis hermanos ponían mala cara. Como a mis padres, les gustaba el silencio. Fui la única que terminó la escuela primaria porque no necesité ganar plata temprano. Y porque no deseaba ser analfabeta como mi madre. Las letras me gustaban. A, e, i, o, u, bailaban las vocales por horas en mi garganta. Y más adelante fueron las palabras. Descubrí que usar las palabras era como coser a ciegas, por eso me enamoré de ellas y ellas de mí. Hilos con sonido. Pasaba tantos ratos a solas, me acostumbré al cuaderno, en la mesa de la cocina. Copiaba letras, palabras, más tarde frases enteras. Volvía a escribirlas una y otra vez, hasta que me quedaran bonitas. No me fue fácil, me esforcé mucho. Si todas las mujeres que vinieron antes de una en el tiempo no leyeron ni escribieron, resulta forastero. Los dedos se me encrespaban como si insistieran en ser los dedos de mi madre, de mi abuela, de mi bisabuela. Está en la sangre, dicen.

Vivíamos muy solos, una que otra casa a kilómetros. Mi padre veía a sus compañeros de trabajo en los potreros, nosotros no. A veces pasábamos semanas sin ver a nadie. ¿De dónde salí tan sociable yo? Quizá fue la escuela. Caminaba una hora de ida y otra de vuelta cada día. Cuando lo hacía acompañada, no me paraba la lengua. En las tardes me unía a mis hermanos en los juegos o en los trabajos para la casa. Me

Ela não reclama por não vê-los, agradece que estejam vivos.

Eu sai faladora, desde pequena perguntava tudo. Sempre pedia explicações e era boa para sorrir. Meus irmãos fechavam a cara. Como meus pais gostavam de silêncio. Fui a única que terminou a escola primária porque não necessitei ganhar dinheiro cedo. E porque não desejava ser analfabeta como minha mãe. Gostava das letras. A, e, i, o, u, dançavam as vogais por horas em minha garganta. E mais adiante foram as palavras. Descubri que usar as palavras era como cozinhar às cegas, por isso me apaixonei por elas e elas por mim. Fios com som. Passava tanto tempo sozinha, me acostumei com o caderno, na mesa da cozinha. Copiava letras, palavras, mais tarde frases inteiras. Voltava a escrever uma e outra vez, até que ficaram bonitas. Não foi fácil, me esforcei muito. Se todas as mulheres que vieram antes de uma no tempo não leram e nem escreveram, resulta estranho. Os dedos se encrespavam como se insistissem em serem os dedos de minha mãe, de minha avó e de minha bisavó. Está no sangue, dizem.

Vivíamos muito sozinhos, alguma que outra casa a quilômetros. Meu pai via seus companheiros de trabalho no potreiro, nós não. As vezes passávamos semanas sem ver ninguém. De onde eu sei tão sociável? Talvez da escola. Caminhava uma hora de ida e outra hora de volta todo dia. Quando ia acompanhada, não parava a língua. Pela tarde me unia aos meus irmãos nos jogos ou nos trabalhos para a casa. Me incluíam

incluían a regañadientes, sin hablarme ni tomarme en cuenta. Como se hace con un perro sin amo que los sigue. A cambio, trataba de no hacerme notar. Pero siempre hablé de más y ellos me acallaron. Sin embargo, sabían cuidarme. Me ayudaban a cruzar el arroyo o a escalar una cerca. Me defendían de lo que fuera, una fiera o un hombre. Recuerdo algunas noches en mi cama -ellos dormían de a dos, en cambio, yo tenía toda una cama para mí- pensaba ¡qué buena cosa esta de haber nacido mujer! Juzgaba que mi vida era mejor que la de ellos. Pero no lo decía en voz alta.

Al crecer ya no me integraban en sus correrías. Se hicieron grandes también ellos y los ganó el trabajo de la hacienda. No alcancé a verme abandonada, me absorbía la escuela y las labores de la casa y el huerto. Fuera como fuera, debían suplirse las manos que salían al potrero. Un día se marcharon, escapando de la policía que recorría de noche los campos buscando insurgentes. Mi alivio fue mayor que mi pena: estaban a salvo. Aquellas horas, las primeras sin ellos, veía todo distorsionado. Las vacas, los pájaros, los perros, hasta las aguas me parecían de piedra, congeladas. Poco a poco entraron en movimiento. Mi padre les advirtió que no se metieran en líos. Pero en ellos primaba el orgullo de mi madre. Los aprobaba en silencio.

Un verano apareció en las misiones un cura nuevo, bastante joven. Estábamos acostumbrados a los curas pero éste era diferente.

rangendo os dentes, sem falar nem me notar. Como se faz com um cachorro sem dono que os segue. Em troca, fazia com que eles não me notassem. Mas sempre falei demais e eles me silenciaram. Sem dúvidas, sabiam cuidar de mim. Me ajudavam a cruzar o córrego ou escalar uma cerca. Me defendiam do que fosse, uma fera ou um homem. Lembro de algumas noites em minha cama- eles dormiam de dois em dois, já eu tinha uma cama toda para mim- pensava que coisa boa eu ter nascido mulher! Julgava que minha vida era melhor que a deles. Mas não dizia em voz alta.

Ao crescer já não me integravam em suas aventuras. Eles também cresceram e assumiram o trabalho da fazenda. Não cheguei a me ver abandonada, me consumia a escola e os deveres da casa e a horta. Fosse como fosse, deveriam ser supridas as mãos que saíam do potreiro. Um dia partiram, escapando da polícia que passava pela noite nos campos buscando insurgentes. Meu alívio foi maior que minha pena: estavam a salvo. Aquelas horas, as primeiras sem eles, via tudo distorcido. As vacas, os pássaros, os cachorros, até as águas pareciam pedras, congeladas. Pouco a pouco entraram em movimento. Meu pai os advertiu para que não se metessem em confusões. Mas neles predominava o orgulho de minha mãe. Os aprovava em silêncio.

Um verão apareceu nas missões um padre novo, bem jovem. Estávamos acostumados com os padres mas esse era diferente. Eu gostava de

A mí me gustaba andar cerca de él pero me dijeron que eso era pecado y dejé de hacerlo. A diferencia de los anteriores, él no hablaba de la culpa ni del infierno. Le gustaba más contarnos cómo era el mundo que no conocíamos. Hablaba de los derechos de los campesinos. Mi padre escuchaba, ceñudo. Una noche, mi madre -que nunca tomaba la palabra- le contó al cura que a su abuelo lo habían colgado de un árbol delante de todos, ella lo vio con sus propios ojos, por armar discordia con el patrón. Fue todo lo que dijo. Supuse que el orgullo es cosa de la sangre y en mis hermanos, pura herencia.

Mi padre, en cambio, parecía un árbol grueso. Amaba su vida, simple como era. Le gustaba su trabajo, su familia, su casa. No se quejaba. De niña me sentaba en sus rodillas y cuando volvía del trabajo tocaba la armónica mientras se ponía el sol, deteniendo la luz con sus notas musicales. Convencido de que el cielo esperaba su tonada antes de mancharse. Sabía historias terribles, de hombres espeluznantes, de crímenes tremendos. ¡Cómo nos gustaba oírlo y morirnos de miedo! No hacía mayores diferencias conmigo. Desde la cuna me enseñó a tener fuerza. Dejé de llorar siendo muy pequeña, nadie estaba para llantos en mi hogar. Ni cerquita del río ni en las noches de tormenta.

Cerca de nuestra casa vivía un árbol al que le llamaban el Árbol de las Verdades. Era tan alto como el firmamento y sus ramas se enlazaban entre ellas como serpentinas gruesas. Las hojas, esmeraldas grandotas, sumaban miles y miles y

andar perto dele, mas me disseram que isso era pecado e eu parei. Diferente dos anteriores, ele não falava da culpa nem do inferno. Ele gostava de contar-nos como era o mundo que não conhecíamos. Falava dos direitos dos camponeses. Meu pai escutava, carrancudo. Uma noite, minha mãe - que nunca tomava a palavra- contou ao padre que seu avô tinha sido enforcado em uma árvore diante de todos, ela o viu com seus próprios olhos, por armar uma confusão com o patrão. Foi tudo que ela disse. Eu supus que o orgulho era coisa do sangue e em meus irmãos, pura herança.

Já meu pai, parecia uma árvore grossa. Amava sua vida, simples como era. Gostava de seu trabalho, sua família, sua casa. Não se queixava. Quando eu era pequena sentava em seu colo e quando voltava do trabalho tocava a harmônica durante o por do sol, detendo a luz com suas notas musicais. Convencido de que o céu esperaria sua música antes de ir. Sabia histórias terríveis, de homens pavorosos, de crimes horríveis. Como a gente gostava de ouvi-lo e morreremos de medo! Não fazia maior diferença comigo. Desde o berço me ensinou a ter força. Deixei de chorar sendo bem pequena, ninguém estava ligando para mim. Nem perto do rio nem nas noites de tempestade.

Perto de nossa casa tinha uma árvore que chamavam de Árvore das Verdades. Era tão alto como o firmamento e seus ramos se enlaçavam entre eles como serpentinas grossas. As folhas, esmeraldas grandonas, somavam milhares e

miles. Contaba la leyenda que si alguien mentía bajo su tronco surgía un poderoso viento y, enojadas, las hojas se alborotaban. Una vez robé el pan de la mañana a mi hermano, lo hice por hambre y por venganza, porque no me permitió asistir al parto de la oveja grande. Enfadado, me delató. Sostuve que el mentiroso era mi hermano. Entre mi padre y él me tomaron en brazos y me sentaron bajo el tronco de aquel árbol. ¿Robaste el pan a tu hermano? Contesté: no he robado nada. Y empezaron a moverse las ramas, hoja por hoja traicionándome. Ante tal respuesta de la naturaleza, estallé en llanto y confesé. Durante tres días hube de entregar mi pan. Fue la última vez que lloré de niña.

Ahora, de vuelta a casa, me encaminé al árbol. Como si pudiera tocarla a la niña de entonces, la antigua robona. La olía a ella y a su inocencia. Quise averiguar cuántas capas de piel habrían de mudarse antes de morir. Tamaño esfuerzo la adultez.

Una tarde observé a mi madre en el fogón mientras revolvía las brasas. Me vino la idea de que no nos conocíamos. Ella vio morir a tres de sus hijos antes del año. Paría en la casa, como las yeguas en el establo o las cabras en el monte. En aquellos tiempos, si los niños enfermaban, con suerte eran atendidos una vez al año por un doctor. Si eran sanos, nunca. La muerte de los hijos es de las madres, me dijo. Cuando murieron los míos, tu padre gastó parte de la cosecha en el funeral que yo deseaba. Les tejí sus ropas y elegí el ataúd, compré las flores y pedí al cura. Porque

milhares e milhares. Contava a lenda que se alguém mentia embaixo de seu tronco surgia um poderoso vento e, irritadas, as folhas balançavam. Uma vez roubei o pão da manhã do meu irmão, o fiz por fome e por vingança, porque não me permitiu assistir o parto de uma ovelha grande. Com raiva, me delatou. Sustentei que o mentiroso era ele. Meu pai e ele me pegaram nos braços e me assentaram embaixo do tronco daquela árvore. Roubou o pão do seu irmão? Respondi: não roubei nada. E os galhos começaram a mexer, folha por folha me traindo. Ante essa resposta da natureza, comecei a chorar e confessei. Durante três dias tive que entregar meu pão. Foi a última vez que chorei de criança.

Agora, de volta a casa, fui em direção a árvore. Como se pudesse tocar a menina de antes, a antiga ladra. Cheirava ela e sua inocência. Quis averiguar quantas camadas de pele haveriam de mudar antes de morrer. Tamanho o esforço de ser adulto.

Uma tarde observei minha mãe no fogão enquanto envolvia as brasas. Me veio a ideia de que não nos conhecíamos. Ela viu morrer três de seus filhos antes de um ano. Paria em casa, como as éguas do estábulo ou as cabras no monte. Naqueles tempos, se as crianças adoeciam, com sorte eram atendidos uma vez ao ano por um médico. Se tinham saúde, nunca. A morte dos filhos é da mãe, me disse. Quando morreram os meus, teu pai gastou parte da colheita no funeral que eu desejava. Teci suas roupas e escolhi seu caixão, comprei as flores e pedi ao padre. Porque

<p>tu papá entendió que a esa edad los angelitos son de una y sólo una sabe perderlos.</p> <p>También me dijo: Los ricos hacen lo que quieren. Fue su única alusión al futuro. A cualquier posible futuro de mi niña.</p> <p>Durante una jornada de sol cegador, acompañé a mi madre a la barraca donde guardaba el grano. La miré llevar a cabo su gesto eterno, el de subir los pliegues de su delantal para convertirlo en canasto. El delantal amarrado a la cintura, pequeñas flores amontonadas, desteñidas desde siempre las lilas y las rosas, era el mismo de mi infancia. Seguí mirando, me conmovió su vestido - abotonado desde el cuello a los pies- de un color incierto, un poco café, un poco gris, como un ratón. Conservaba su trenza negra, quizá más delgada que antaño, con algunas mechas grises en las sienes. Pensé que, sacudido el afecto, las madres y las hijas nunca se conocen demasiado. Me llegó a dar vergüenza todo lo que ella desconocía de mí. Me pregunté si habría tenido otro hombre que no fuera mi padre. ¡Yo tuve tantos!</p> <p>Quando mis hermanos escaparon de la justicia, me mandaron a la ciudad con unos familiares. Para que empezara a trabajar. (Para que estuviera segura, creo yo, aunque no lo dijeron.) Era un pequeño comedero que alimentaba a los hombres de los camiones que transitaban por un camino secundario. Me gustó el trabajo y la gente. Comencé a aprender del mundo. De alguna forma, sabía que gustaba a los hombres. Quizá era mi</p>	<p>seu pai entendeu que nessa idade os anjinhos são de uma e só uma sabe perdê-los.</p> <p>Também me disse: Os ricos fazem o que querem. Foi sua única alusão ao futuro. Qualquer possível futuro de minha menina.</p> <p>Durante uma jornada de sol forte, acompanhei a minha mãe à barraca onde guardava os grãos. Olhei ela praticar seu gesto eterno, aquele de subir as dobras de seu avental para convertê-lo em uma cesta. O avental amarrado na cintura, pequenas flores amontoadas, desbotadas desde sempre as lilás e as rosas, era o mesmo de minha infância. Continuei olhando, me comoveu seu vestido – abotoado desde os pescoço aos pés- de uma cor incerta, um pouco café, um pouco cinza, como um rato. Conservava sua trança negra, talvez mais fina do que o ano passado, com algumas mechas cinza nas têmporas. Pensei que, sacudido o afeto as mães e as filhas nunca se conhecem muito. Chegou a me dar vergonha tudo que ela desconhecia de mim. Me perguntei se ela havia tido outro homem sem ser meu pai. Eu tive tantos!</p> <p>Quando meu irmãos escaparam da justiça, me mandaram para a cidade com uns familiares. Para que começasse a trabalhar. (Para que eu estivesse segura, creio eu, mesmo que não falassem.) Era um pequeno restaurante que alimentava aos motoristas de caminhões que transitavam por um caminho secundário. Eu gostei do trabalho e das pessoas. Comecei a aprender sobre o mundo. De alguma forma eu</p>
--	---

alegría. Cambié la virginidad por goces invencibles y un sosiego caliente. Me llevaban de paseo, conocí tiendas, el cine, los salones de baile, otras ciudades cercanas. Me querían bien y yo caminaba en la luz. Hasta que me iluminé de veras.

3

Uno de los novios me consiguió el traslado. Desde el comedero del camino secundario a la carretera principal. Un restaurante bueno. Otro universo, otras gentes.

Llegó una noche a cenar. Traía un libro en la mano. Se sentó a una de mis mesas. Leyó durante toda la hora de la comida. Buen mozo como un actor de películas, se notaba desde lejos que era un señorito de la ciudad. Me miraba entre página y página. Me miraba, sí, pero mudo. Sólo ordenar y pedir la cuenta y mi vista fija en esos ojos preciosamente verdes. Esperaba cada noche y a veces llegaba. Al cabo de unas semanas le hablé yo. Le pedí un libro prestado. Le conté que nunca había leído uno entero. Me trajo unos relatos. Luego otro y otro más. Diluvios eternos, generales fracasados, casas tomadas, crímenes en la selva. Cualquiera duda se la preguntaba. Cuando olvidaba detalles me decía que no tenía ninguna importancia. Que era la sensación lo que permanecía. La lectura era un cúmulo de sensaciones, entendí yo. La vida se me dividió en dos. Las horas diurnas: el restaurante, la prima de mi mamá, los recuerdos del campo. Y las horas de la noche, las de los cuentos. Otros hombres y

sabia que gustava de homens. Quem sabe era a minha alegria. Troquei minha virgindade por gozos invencíveis e um sossego quente. Me levavam para passear, conheci lojas, o cinema, as casas de dança e outras cidades vizinhas. Queriam meu bem e eu caminhava na luz. Até que me iluminei de verdade.

3

Um dos namorados me conseguiu uma transferência. Desde o restaurante de caminho secundário até a rua principal. Um restaurante bom. Outro universo, outras pessoas.

Chegou uma noite para jantar. Trazia um livro na mão. Sentou-se em uma das minhas mesas. Leu durante toda a hora da comida. Bom moço como um ator de filmes, se notava de longe que era um rapaz da cidade. Me olhava entre as páginas. Me olhava, sim, mas calado. Somente fazer o pedido e pedir a conta e meu olhar se fixa nesses olhos preciosamente verdes. Esperava cada noite e às vezes chegava. Depois de algumas semanas falei eu. Pedi um livro emprestado. Conteí que nunca havia lido um inteiro. Me trouxe uns contos. Logo outros e outros mais. Dilúvios eternos, gerais fracassados, casas tomadas, crimes na selva. Qualquer dúvida perguntava para ele. Quando esquecia detalhes me dizia que não tinha nenhuma importância. Que era a sensação o que permanecia. A leitura era o acúmulo de sensações, entendi eu. A vida se dividiu em dois. As horas diurnas: o restaurante, a prima de minha mãe, as lembranças do campo. E as horas

mujeres, otros países, otras muertes. Sin moverme de la cama. Inofensiva, entregada, protegida, volaba hacia la aventura. Hacia el riesgo y la intemperie. Como un regalo, un suplemento. Cuando se lo dije, me pasó una novela. Ese día caminó a casa conmigo.

Entre una novela y otra me habló del continente, de sus maravillas y sus miserias. Yo le hacía preguntas y pedía perdón por mi ignorancia. Él gozaba mi curiosidad. Le pregunté si era profesor, por esta paciencia que tenía. Me dijo que no.

Aprendía de Simón Bolívar y nada de su cuerpo.

Una tarde llegó con un regalo: un televisor. Para que viera la serie que empezaba ese día. Sobre la historia de la conquista, me dijo. Le pregunté si podría ver España. Sí, la España de hace siglos, sonrió. Pero también tu tierra, cuando era virgen. Y la vi enterita. Con él a mi lado, todos los jueves. Aprovechaba los comerciales para hablarle. El restaurante aumentó la clientela y subió de nivel con la tele. Noticias, fútbol, dio para todos.

Era graduado en filosofía. Le pregunté para qué servía eso. Para nada, me respondió. Ahora se concentraba en su tesis doctoral, por eso tanta soledad en la casita al lado de la carretera. Venía de la capital. Vivió largamente postrado, una enfermedad en la infancia. De entonces tanta lectura. Conoció el mundo por la ventana. Necesitaba del silencio como otros del alcohol. A

da noite, as dos contos. Outros homens e mulheres, outros países, outras mortes. Sem me mexer da cama. Inofensiva, entregue, protegida, voava até a aventura. Até o risco e a céu aberto. Como um presente, um suplemento. Quando disse, me deu um romance. Esse dia me acompanhou até em casa.

Entre um romance e outro me falou do continente, de suas maravilhas e misérias. Eu lhe fazia perguntas e pedia perdão por minha ignorância. Ele adorava minha curiosidade. Perguntei-lhe se era professor, pela paciência que tinha. Disse-me que não.

Aprendia de Simón Bolívar e nada de seu corpo.

Uma tarde chegou com um presente: uma televisão. Para ver um seriado que começaria naquele dia. Sobre a história da conquista, me disse. Perguntei-lhe se poderia ver a Espanha. Sim, a Espanha de faz séculos, sorriu. Mas, também sua terra, quando era virgem. E eu a vi inteira. Com ele ao meu lado, todas as quintas. Aproveitava os comerciais para falar. O restaurante aumentou a clientela e subiu o nível com a televisão. Notícias, futebol, deu para tudo.

Era formado em filosofia. Perguntei-lhe para que servia isso. Para nada, me respondeu. Agora se concentrava em sua tese para o doutorado, por isso tanta solidão na casinha ao lado da rua. Vinha da capital. Viveu muito tempo postrado, uma enfermidade na infância. Desde aí tanta leitura. Conheceu o mundo pela janela. Necessitava do silêncio como outros do álcool.

veces parecía un niño abandonado. Le gustaba mi risa. Nunca me tocaba. ¡Tanto anhelo mío, mamacita! Hasta que un día me anunció que debía ausentarse. A la capital. Me vas a hacer falta, dijo. Y al despedirse, asegurando que volvía, agregó: me haces muy feliz. Fueron treinta días y más en los que me repetí esa frase, esas sílabas, enlazadas entre ellas por tanta saliva. Me haces muy feliz. Cuatro palabras. Quince letras. La inmensidad.

Volvió sin aviso. Entró en el comedor una noche y unidos lo abandonamos, acoplados los cuerpos, bien empalmados. Marcándolos de amor. Dormimos en su casita de campo al lado de la carretera. La alegría, ululando como una sirena, arrasaba con nosotros. A partir de entonces, como a los volantines su cola, a cada amor le colgaba su noche. No supe de levantadas cuando el sudor aún no se enfría. Tendidos en la cama, nos contábamos historias. Como a las amigas que aún no tenía. Lo llamaba mi príncipe.

Mis hermanos se bañaban desnudos en los ríos y arroyos mientras buscábamos leña, arreábamos las cabras o recogíamos grano. Desde pequeña los comprobé distintos a mí. Sin una sola imagen del cuerpo de mi madre, me parecían bonitos mis hermanos. Una vez quise tocarle su cosa a uno de ellos, pero él me empujó acusándome de degenerada. Mi hermano mayor, en cambio, dijo que era correcto, que aprendiera desde chica, nada de mujeres asustadas de los hombres. Me prestó el suyo. Al tacto era más blando que lo imaginado por la vista. Me gustó.

Às vezes parecia uma criança abandonada. Gostava do meu sorriso. Nunca me tocava. Desejava-lhe tanto, meu deus! Até que um dia me avisou que iria se ausentar. Para a capital. Vai me fazer falta, disse. E ao se despedir, prometendo que voltava, falou: me faz muito feliz. Foram mais de trinta dias que eu repeti essa frase, essas sílabas, enlaçadas entre elas com tanta saliva. Me faz muito feliz. Quatro palavras. Quinze letras. A imensidão.

Voltou sem avisar. Entrou no restaurante uma noite e juntos saímos, acoplados os corpos, bem empalmados. Marcando-os de amor. Dormimos em sua casinha de campo ao lado da rua. A alegria, disparando como uma sirene, arrasava conosco. A partir de então, como às pipas sua fila, a cada amor colocava sua noite. Não soube levantar quando o suor ainda não tinha esfriado. Estendidos na cama, contávamos histórias. Como as amigas que eu ainda não tinha. O chamava de meu príncipe.

Meus irmãos tomavam banhos nus nos rios e córregos enquanto buscávamos lenha e arriávamos as cabras ou recolhíamos grãos. Desde pequena vi que eles eram diferentes de mim. Sem uma só imagem do corpo de minha mãe, pareciam bonitos meus irmãos. Uma vez quis pegar na coisa de um deles, mas ele me empurrou acusando-me de degenerada. Já meu irmão mais velho, disse que era correto, que eu aprendesse desde nova, nada de mulheres assustadas com os homens. Me emprestou o seu. Ao tato era mais macio do que eu imaginava

Pero de repente se puso grande y duro en mis manos y lo solté asustada. Todos se largaron a reír. Así es cuando el hombre está en celo, me dijo, para que lo sepas.

De a poco descubrí que sus invitaciones tenían un cierto patrón. No eran impulsivas ni casuales. Nunca un lunes, nunca un viernes. Una noche encontré platos sucios en el lavadero. También un cenicero repleto de colillas y él no fumaba. Le pregunté si tenía otra mujer. No es lo que tú crees, confía en mí. Como no deseaba tiznar la alegría, no hice más preguntas. Pero la segunda vez que se repitió esta escena, a la vuelta de una noche de lunes, aunque no dije nada, él se percató. Culpa de una mirada mía más intensa o de algún ademán ansioso, no lo sé bien, pero me dijo: Me falta el aliento vital, mujer, y sólo tú me lo procuras. No lo olvides. Aquí no hay nadie más que tú. Entonces los sonidos del amanecer volvieron a ser únicos. Y me dijo, despacito: deja que sólo el canto del gallo rompa esta cualidad difusa; si ni los pájaros desean la estridencia, menos debieras desearla tú.

Nuestros amores fueron como los misterios del rosario: gloriosos, gozosos y, cómo no, dolorosos.

Un día hablamos de la rabia. Tú la desconoces, me dijo. ¿Y por qué habría de conocerla? Por ser pobre, me contestó, por ser mujer, por todas las injusticias... Ésas serán tus amigas universitarias, me mofé, no yo.

vendo. Gostei. Mas de repente ficou grande e duro em minhas mãos e eu soltei assustada. Todos começaram a rir. Assim é quando o homem está excitado me disse, para que eu soubesse.

Com o tempo descobri que seus convites tinham um certo padrão. Não eram impulsivos, nem casuais. Nunca uma segunda, nunca uma sexta. Uma noite encontrei pratos sujos na pia. Também um cinzeiro cheio de bituca, e ele não fumava. Perguntei se ele tinha outra mulher. Não é o que você pensa, confia em mim. Como não desejava acabar com a alegria, não fiz mais perguntas. Mas, na segunda vez que essa cena se repetiu, por volta de uma noite de segunda, mesmo não dizendo nada, ele percebeu. Culpa de um olhar meu mais intenso ou de algum gesto ansioso, não sei bem, mas me disse: Falta-me o sopro vital, mulher, e somente você me o dá. Não te esqueças. Aqui não tem ninguém mais que você. Então os sons do amanhecer voltaram a ser únicos. E me disse, devagarzinho: deixa que somente o canto do gallo rompa esta qualidade difusa: se nem os pássaros desejam a estridência, menos ainda você deveria desejar.

Nossos amores foram como os mistérios do rosário: gloriosos, cheio de gozos e como não, dolorosos.

Um dia falamos da raiva. Você a desconhece, me disse. E porque haveria de conhecê-la? Por ser pobre, me questionou, por ser mulher, por todas as injustiças... Essas serão suas amigas universitárias, debochei, eu não.

<p>Algo me decía que teníamos los días contados. Pero no abrí la boca; que los contara él. Mientras tanto, amaba cada momento de la existencia con enorme sinceridad. La vida más tarde me deparó muchos cielos, pero aquél fue el único paraíso. Hasta que, a mi pesar, sus puertas se cerraron. Ya saben, si algo distingue al paraíso es que en algún momento deja de serlo, todos somos expulsados de allí, tarde o temprano.</p> <p>Partió. No más casa en el campo, no más tibieza en la noche. Una misión, me dijo. Le ofrecí mi compañía. No debo tener ataduras, respondió, ¡somos tan vulnerables a nuestros deseos! Pasaré de ser un hombre reflexivo a un hombre de acción. Tal acción me excluía.</p> <p>Me quedé sin él. Se preguntarán si me rompí en dos. Si me traspasó el puñal del dolor. No. Su ausencia fue enorme, enorme, sin embargo, algo extraño reemplazó al tormento. Estaba llena, como la luna. Locamente atada a la existencia. Nada me arrebataría aquello. Era una mujer amada. Sabía que tarde o temprano la vida me mostraría su avaricia, pero confiaba en las reservas que el amor me había dejado.</p> <p>Cambié de trabajo. Tenía los pies cansados. Y necesitaba un aire nuevo. Tranquilita y sentada. Me fui a una tienda donde todo era lindo. Agujas, hilos, botones de perla, encajes, borlas de colores, tiras bordadas, palillos. Nada tan pulcro, sólo un pequeño comercio de barrio. Era fragante. Es que no se tejía con maíz frito ni con ajo ni con cebolla. Su dueña, una viejecita</p>	<p>Algo me dizia que tínhamos os dias contados. Mas não abri a boca; que ele os contasse. Enquanto isso, amava cada momento da existência com uma enorme sinceridade. A vida mais tarde me proporcionou muitos céus, mas aquele foi o único paraíso. Até que ao meu pesar, suas portas se fecharam. Já sabem, se algo diferencia o paraíso é que algum momento deixa de sê-lo, somos todos expulsos dali, cedo ou tarde.</p> <p>Partiu. Sem mais casa no campo, sem mais calor na noite. Uma missão, me disse. Ofereci minha companhia. Não devo ter ataduras, respondeu, somos tão vulneráveis a nossos desejos! Passarei de ser um homem reflexivo a um homem de ação. Aquela ação me excluía.</p> <p>Fiquei sem ele. Perguntaram se eu me parti em dois. Se me transpassou um punhal de dor. Não. Sua ausência foi enorme, enorme, porém, algo estranho substituiu o tormento. Estava cheia, como a lua. Loucamente atada à existência. Nada me tiraria aquilo. Era uma mulher amada. Sabia que cedo ou tarde a vida me mostraria sua avareza, mas confiava nas reservas que o amor havia me deixado.</p> <p>Mudei de trabalho. Tinha os pés cansados. E necessitava de um ar novo. Tranquilzinha e sentada. Fui a uma loja onde tudo era lindo. Agulhas, fios, botões de pérola, rendas, borlas coloridas, tiras bordadas, varas. Nada tão limpo, somente um pequeno comércio do bairro. Era fragante. É que não se tecia com mandioca frita nem com alho nem com cebola. Sua dona, um</p>
---	--

buen persona, se había quebrado la cadera. Inmóvil en la caja, yo vendía. Tres años estuve a su lado y la convertí en una abuela postiza. Sólo partí de allí para casarme.

Sin enfado respiraba cada mañana. Trabajaba y también reía. Pero los hombres, oh, los hombres: bandadas de pájaros iguales. Toda pasión agotada. Me puse casera. A veces me quedaba en casa de mi vieja. Ella había cosido para familias ricas durante treinta años. Tenía historias de nunca acabar. Atisbé otras existencias, otras mujeres. Escucharla era mejor que las novelas de la tele. Así comencé a saber de los ricos y sus costumbres. Me los imaginé. Había algo en ellos que me parecía insultante. Claro, algunos eran sólo ostentosos y éstos dolían menos. Recién entonces caí en cuenta de que el mundo era duro. Era muy duro.

Y fue esa dureza la que me obligó a tomar una decisión: terminaría mis estudios. Como fuera. De noche, aunque nunca más durmiera. Así estudié la secundaria, con enormes sacrificios. Trabajaba durante el día, partía corriendo a clases y de noche estudiaba. La abuela me ayudaba, hacíamos juntas las tareas cuando la tienda se quedaba sin clientes. Entré a un plan especial para trabajadores donde se hacían dos años en uno. No veía a nadie, no salía más que de vez en cuando, aislados mis cuadernos y yo. No pienso hacerme pasar por alguien que no soy: les confieso que las vi verdes. Me costó. Lo único que me salía fácil era la gramática. Todo lo demás me hacía sudar, especialmente la química y la física. La historia

velhinha boa pessoa, havia quebrado o quadril. Imóvel no caixa, eu vendia. Três anos estive ao seu lado e a converti em uma avó postiça. Somente sai dali para me casar.

Sem chateação respirava cada manhã. Trabalhava e também ria. Mas os homens, oh, os homens: bando de pássaros iguais. Toda paixão esgotada. Me tornei caseira. Às vezes ficava na casa da minha velha. Ela havia cozinhado para família ricas durante trinta anos. Tinha histórias que nunca acabariam. Espiei outras existências, outras mulheres. Escutá-la era melhor que as novelas da televisão. Assim comencei a saber dos ricos e seus costumes. Os imaginei. Havia algo neles que parecia me insultar. Claro, alguns eram somente ostentosos e isso doía menos. Então me dei conta de que o mundo era difícil. Muito difícil.

E foi aquela dificuldade que me obrigou a tomar uma decisão: terminaria meus estudos. Como fosse. De noite, ainda que nunca mais eu dormisse. Assim estudei a secundária, com enormes sacrificios. Trabalhava durante o dia, partia correndo para as aulas e de noite estudava. A avó me ajudava, fazíamos juntas as tarefas quando a loja ficava vazia. Entrei em um plano especial para trabalhadores onde faziam dois anos em um. Não via ninguém, não saía mais que de vez em quando, isolados meus cadernos e eu. Não penso em me fazer passar por alguém que eu não sou: confesso-lhes que foi difícil. Custou-me. O único que era fácil para mim era gramática. Todas as demais me faziam suar,

me gustó. También el pedacito de filosofía que pasamos, era una forma tan digna de recordar a mi príncipe. Así, al cabo de setecientos veinticuatro días, recibí mi diploma, ¡qué orgullo, mamacita! Pasaba a ser una mujer educada, quizá la única campesina de todas las hectáreas de la hacienda. Hicimos una fiesta con la abuela para celebrarlo. (Y fue allí donde conocí al hombre con el que me casaría.) Corrí al campo a mostrarlo, toda la familia debía regocijarse conmigo. Y mi felicidad fue aún mayor cuando me enteré de que grandes poetas no habían llegado a la universidad: esos grandes poetas tenían el mismo nivel de educación que yo. (Más tarde, ya casada, pensé: ¿y de qué me sirvió tanto esfuerzo? ¿cómo es la cosa? ¿son los estudios o las oportunidades las que faltan? Fue sólo en mi segunda vida -para la que aún faltaba un poco- que los estudios se vieron recompensados.)

Y a propósito de los amores: un cierto tipo de olvido es inevitable. Cuando se es joven, al margen de la voluntad, los huesos se recomponen. La carne sale del fango y se alienta. Recuperé mi donaire y volví a bailar como un demonio hasta el alba.

4

Desperté a la realidad y miré a mi madre en el fogón. Se afanaba con el pan y las tortillas. Le dije: mamá, tuve un amor antes de casarme. Me miró seria. Guárdalo para tus sueños, no para tu madre, me respondió.

especialmente química e física. Gostei da história. Também um pouco de filosofia que estudamos, era uma forma de relembrar do meu príncipe. Assim, após setecentos e vinte quatro dias, recebi meu diploma, que orgulho, meu Deus! Passava a ser uma mulher educada, quem sabe a única camponesa de todos os hectares da fazenda. Fizemos um festa com minha avó para festejar. (E foi ali onde conheci o homem com que eu me casaria). Corri ao campo para mostrá-lo, toda família deveria festejar comigo. E minha felicidade foi ainda maior quando descobri que grandes poetas não haviam chegado à universidade: Esses grandes poetas tinham o mesmo nível de educação que eu. (Mais tarde, já casada, pensei: E de que me serviu tanto esforço? como é a coisa? são os estudos ou as oportunidades que faltam? Foi somente em minha segunda vida – para a que ainda faltava um pouco - que os estudos foram recompensados).

E a propósito dos amores: certo tipo de esquecimento é inevitável. Quando você é jovem, à margem da vontade, os ossos se recompõem. A carne sai do fango e se alimenta. Recuperei meu dom e voltei a dançar como um demônio até a aurora.

4

Despertei para a realidade e olhei a minha mãe no fogão. Dedicava-se ao pão e às omeletes. Disse a ela: Mamãe, tive um amor antes de me casar. Me olhou séria. Guarda-o para teus sonhos, não para sua mãe, me respondeu.

<p>Cuando mis hermanos y yo éramos pequeños, ella nos enseñó que los sueños debían recordarse para que no quedaran dentro del corazón formando nudos que luego provocarían dolor. Uno de mis hermanos tenía unas pesadillas horribles. Cuando gritaba dormido en la oscuridad, mi madre nos despertaba a todos y nos daba infusiones de hierbas mientras él contaba lo que había soñado. Funcionaba como una sanación. De tanto hablar de los sueños, no fue más acosado por las pesadillas. Más tarde aprendí que una parte escondida de nuestra cabeza acumula recuerdos y los transforma, como en una obra de teatro se transforman los actores.</p> <p>Volví a soñar esos días en mi cama de la infancia. Celebrábamos una fiesta en el campo. Una trilla: los caballos, el trigo, la era, las máquinas trilladoras, la música en la radio a todo volumen. Yo era pequeña y quería bailar pero nadie bailaba conmigo. De repente, se me instaló la rama florida de un árbol entre los brazos y me llevó por los campos bailando. Luego se convertía en un animal raro, después en muchos animales, uno tras otro me guiaban bailando y hasta hoy recuerdo la felicidad de ese momento. Confusamente me conducían ante un grupo de personas, todas formadas frente a mí. Era un verdadero tribunal, gentes de todas edades y colores. Adelante se sentaban unos viejos muy viejos y hostiles que me miraban mal. Nadie me conocía, nadie me defendía de las acusaciones. Alguien me acusaba de puta y yo lloraba porque me querían condenar a muerte. Apareció entonces</p>	<p>Quando meus irmãos e eu éramos pequenos, ela nos ensinou que os sonhos deviam se lembrados para que não ficassem dentro do coração formando nós que logo provocariam dor. Um de meus irmãos tinha pesadelos horríveis. Quando gritava dormindo na escuridão, minha mãe acordava a todos e nos dava infusões de ervas enquanto ele contava o que tinha sonhado. Funcionava como uma cura. De tanto falar dos sonhos, não foi mais atormentado por pesadelos. Mais tarde aprendi que uma parte escondida de nossa cabeça acumula lembranças e os transforma, como em uma obra de teatro se transformam os atores.</p> <p>Voltei sonhar esses dias em minha cama da infância. Celebrávamos uma festa no campo. Uma trilha: os cavalos, o trigo, a época, as máquinas debulhadoras, a música no rádio a todo volume. Eu era pequena e queria dançar, mas ninguém dançava comigo. De repente, alguém me instalou um ramo florido de uma árvore entre os braços e me levou pelos campos dançando. Logo se transformou em um animal estranho e depois em muitos animais, um atrás o outro me guiavam dançando e até hoje lembro a felicidade desse momento. Confusamente me conduziam ante um grupo de pessoas, todas formadas na minha frente. Era um verdadeiro tribunal, pessoas de todas as idades e cores. Diante de mim se sentavam uns velhos bem velhos e hostis que me olhavam mal. Ninguém me conhecia, ninguém me defendia das acusações. Alguém me acusava de puta e eu chorava porque queriam me condenar a morte.</p>
--	---

una mujer rubia, me tomó en sus brazos salvadores para luego tirarme por un precipicio largo y nublado. Mientras caía lentamente desperté.

Mucho tiempo después comenté con un médico este sueño. Me habló en difícil -culpas sexuales, odio de clases-, mucha palabrería. Pero yo tenía otra idea, que nacía del sabor que me dejó el sueño: mi nostalgia por el campo perdido. Siempre vi la ciudad como un abismo. Es cierto que, al contar un sueño, no se habla de sus sabores, de la parte de la lengua donde se posan los sueños al despertar. También es cierto que una se enamora del que no debe. El doctor sabía del alma de la gente y yo apenas de la mía. Pero cuando se es campesina como yo lo soy, la gente de la ciudad no imagina los silencios y los olores y los sabores de la mañana y el calor del mediodía y los potreros enormes y su sensación de infinito. Se lo dije entonces al doctor: si usted quiere entender esta tierra, tiene que vivir y conocer el campo. Porque de ahí venimos todos. Ahí nada es igual porque todo es distinto, nada más. Seguro que el doctor me encontró tonta. Es que sus palabras no me conmovían porque se estrellaban contra mis propias imágenes, tan arraigadas desde siempre en las pupilas.

Lo único que de verdad conozco es la tierra que me vio nacer.

2-OLIVIA

1

Al cabo de un tiempo, hube de dejar el campo. Volví al pueblo, sólo porque había que volver,

Apareceu então uma mulher loira, me pegou em seus braços salvadores para logo me atirar em um precipício grande e nublado. Enquanto caía lentamente, acordei.

Muito tempo depois comentei com um médico esse sonho. Falou com palavras difíceis – culpas sexuais, ódio de classes -muitos palavreados. Mas eu tinha outra ideia, que nascia do sabor que me deixou o sonho: minha nostalgia pelo campo perdido. Sempre vi a cidade como um abismo. É verdade que, ao contar um sonho, não se fala de seus sabores, da parte da língua onde se pousam os sonhos ao despertar. Também é verdade que alguém se apaixona por quem não deve. O doutor sabia da alma das pessoas e eu apenas da minha. Mas quando se é camponesa como eu sou, as pessoas da cidade não imaginam os silêncios, os cheiros, os sabores da manhã, o calor do meio-dia e os poteiros enormes e sua sensação de infinito. Disse então ao doutor: se você quer entender essa terra, precisa viver e conhecer o campo. Porque daí viemos todos. Ai nada é igual porque tudo é diferente, nada mais. Certeza que o doutor me achou doida. É que suas palavras não me comoviam porque se chocavam contra minhas próprias imagens, tão arraigadas desde sempre nas pupilas.

O único que de verdade conheço é a terra que me viu nacer.

2-OLIVIA

1

Depois de um tempo, tive que deixar o campo. Voltei à vila, somente porque havia que voltar,

porque el marido me quería en casa. Con la vista fija en el sendero de polvo que me alejaba pensé que mi único deseo era revolearme en la tierra como esa gata fresca, la de mi madre, rascándose con las raíces del árbol, el de la esquina del huerto. Sentí que dependía de la naturaleza, que en sus manos estaba desentrañar mi humilde existencia.

Mi actividad durante el embarazo consistió en cuidar a un par de mellizos en una casa grande a la salida del pueblo. Luego, cuando ya estaba muy gorda y pesada, ayudé a mi cuñado en su negocio de zapatos, un remendero. Para eso terminé la secundaria, dirán. Me lo dije a mí misma cuando volvía en el bus, a medida que se levantaba el polvo del camino. Nunca más, me repetía: nunca más. No quería volver atrás. Si ya no tenía el vientre ocupado, mejor me mataba trabajando, que para eso soy buena. Pero haría del *trabajar* algo contundente.

Pensaron en el pueblo que iba a quedarme tranquila. Yo no quería más hijos, más sexo, más casa, más nada. Apenas mantenerla limpia y cocinar caliente una vez al día. Simultáneamente mansa y loca, mi *tranquilidad* consistía en lo siguiente: cada mañana, sin que el marido se enterase, cocinaba en mi casa pastelillos baratos, hacía litros de café y con el termo y el canasto partía en el autobús. Como un centinela me paraba frente al hospital a las tres de la tarde: la hora del cambio de turno. Fui haciendo amistad con las mujeres de allí, algunas jóvenes como yo, otras

porque o marido me queria em casa. Com a vista fixa no caminho de pó que me aleijava, pensei que o meu único desejo era rolar na terra como essa gata manhosa, aquela da minha mãe, se arranhando com as raízes da árvore, na esquina da horta. Senti que dependia da natureza, que em suas mãos estava destrinchar minha humilde existência.

Minha atividade durante a gravidez consistiu em cuidar de um par de gêmeos em uma casa grande na saída da vila. Mais tarde, quando já estava muito gorda e pesada, ajudei meu cunhado no seu negócio de sapatos, um sapateiro. Para isso terminei o ensino fundamental, dirão. Foi isso que eu disse a mim mesma quando voltei no ônibus, à medida que se levantava o pó no caminho. Nunca mais. Não queria voltar atrás. Se já não tinha o ventre ocupado, melhor me matava trabalhando, que para isso sou boa. Mas teria que *trabalhar* em algo contundente.

Pensaram na vila que eu ia ficar tranquila. Eu não queria mais filhos, mais sexo, mais casa, mais nada. Apenas mantê-la limpa e cozinhar quente uma vez ao dia. Simultaneamente mansa e louca, minha *tranquilidade* consistia no seguinte: cada manhã, sem que meu marido percebesse, cozinhava em minha casa bolinhos de baixo preço, fazia litros de café e com a garrafa térmica e a cesta pegava o ônibus. Como uma sentinela parava em frente ao hospital às três da tarde: hora da mudança de turno. Fui fazendo amizade com outras mulheres dali,

<p>viejas como mi mamacita, todas trabajadoras del lugar. Enfermeras, auxiliares, aseadoras. Quería ganarme su confianza para luego investigar mi caso. Alguien debía de saber algo.</p> <p>Claro que eran ajetreados mis días. Viajes de acá para allá vuelta para acá. Me informé en la municipalidad de cuanta fundación u organización en defensa del niño existía. Las recorrí una a una, la ciudad al lado de mi pueblo -a la que no me gustaba ir- y las demás. Gastaba cantidades de dinero en locomoción, debí visitar a mi abuela postiza y hacerla mi cómplice. Ella me pasaba las monedas, nadie se enteraba. Así emprendí el camino, a la gloria y al calvario, de vuelta a la gloria, siempre en movimiento continuo, como el azar, como la vida.</p> <p>Me valió ser inteligente y avispada desde chica: concluí muy pronto que había dos caminos para mi niña. O fue entregada en adopción o la vendieron para tráfico de órganos. Supe de las redes de países ricos que roban niños en los países pobres. Los nuestros se prestan para ello, pagan bien. Y es fácil: tanta parturienta ignorante en hospitales perdidos, ¿por qué no?</p> <p>Pero no fue mi buena cabeza sino la fortuna quien me encaminó a aquella ONG -una de las tantas a las que me condujo la ansiedad de información- donde un ángel de la guarda vino a acompañarme porque estaba yo muy sola.</p> <p>Tomaba un tecito -alguna alma buena me lo había brindado porque andaba un poco</p>	<p>algumas jovens como eu, outras velhas como minha mãezinha, todas trabalhadoras do lugar. Enfermeiras, auxiliares, faxineiras. Queria ganhar sua confiança para logo investigar meu caso. Alguém devia saber algo.</p> <p>Claro que eram agitados meus dias. Viagens de aqui para lá, volta para cá. Informe-me no município sobre quantas organizações em defesa da criança existiam. Fui de uma a uma, a cidade ao lado da minha vila – à qual eu não gostava de ir- e as demais. Gastava muito dinheiro em locomoção, devi visitar minha avó postiza e fazê-la minha cúmplice. Ela me passava as moedas, ninguém notava. Assim aprendi o caminho, à glória e ao calvário, de volta a glória, sempre em movimento contínuo, como a sorte, como a vida.</p> <p>Me valeu ser inteligente e sagaz desde criança: concluí bem cedo que havia dois caminhos para minha menina. Ou foi entregada na adoção ou a venderam para o tráfico de órgãos. Soube das máfias de países ricos que roubam crianças nos países pobres. Os nossos servem para eles, pagam bem. E é fácil, tanta parturiente ignorante nos hospitais perdidos, porque não?</p> <p>Mas não foi minha boa cabeça se não a sorte quem me encaminhou a aquela ONG - uma das muitas às quais me conduziu a ansiedade de informação - onde um anjo da guarda veio me acompanhar porque eu estava muito sozinha.</p> <p>Tomava um chazinho – alguma alma boa me o tinha dado porque andava um pouco enjoada -</p>
---	--

mareada- cuando entró al local una mujer que parecía afuerina. Se la notaba apurada, sin mirar ni a derecha ni a izquierda, y calzaba zapatos de taco alto, los que usan las personas que no andan por la calle. En un determinado momento, al cruzar el pasillo justo frente a mí, se tropezó con un ladrillo que sobresalía en el piso y se vino abajo. Fue una caída suave, no sé cómo lo logró, adelantando quizá un brazo para protegerse. De inmediato acudí en su ayuda. Enderezando el cuerpo, me miró, luego miró enojada el taco roto de su zapato. Mierda, dijo y repitió con más énfasis, ¡mierda! No sabía qué hacer o cómo seguir su camino. Por puro atenderla, ofrecí arreglárselo. Había aprendido un par de cosas con mi cuñado zapatero. La mujer me alargó el dinero y en un santiamén volví con el pegamento, lo vendían ahí mismo, en una esquina de la plaza. Mientras esperábamos que pegara, iniciamos conversación. Era abogada, trabajaba en una empresa importante, vivía en la capital y era soltera. Todo eso lo supe en pocos minutos. Siendo mujer tan alta, seguro que nunca encontró un hombre de ese tamaño para casarse. No daba la impresión de ser una persona en extremo amable, como si no estuviera dispuesta a perder tiempo en fruslerías, nada alambicada y su voz un poco ronca. Se interesó de inmediato por mi caso. Al partir, con el zapato bien puesto, me dio su teléfono. Y casi corriendo, ya en la puerta, me dijo: ¡Ah! lo olvidaba: me llamo Olivia.

quando entrou ao local uma mulher que parecia forasteira. Notava-se que estava apressada, sem olhar nem para direita, nem para esquerda, e calçava sapatos de salto alto, os que usam as pessoas que não andam pela rua. Em um determinado momento, ao cruzar o passo, justo na minha frente, tropeçou em um ladrilho que sobressaía o piso e caiu. Foi uma caída suave, não sei como fez, colocando talvez um braço a frente para se proteger. Imediatamente a ajudei. Endireitando seu corpo, me olhou, logo olhou com raiva para seu salto quebrado. Merda, disse e repetiu com mais ênfase, merda! Não sabia o que fazer ou como seguir seu caminho. Para ajudá-la, me ofereci para arrumar. Havia aprendido muita coisa com meu cunhado sapateiro. A mulher me deu um dinheiro e com pouco tempo voltei com a cola, a vendiam ali mesmo, em uma esquina da praça. Enquanto esperávamos que colasse, iniciamos uma conversa. Era advogada, trabalhava em uma empresa importante, vivia na capital e era solteira. Tudo isso eu soube em poucos minutos. Sendo mulher tão alta, seguramente não encontrou um homem desse tamanho para se casar. Não dava a impressão de ser uma pessoa extremamente amável, como se não estivesse disposta a perder tempo com bugigangas, nada complicada e sua voz um pouco rouca. Se interessou de imediato por meu caso. Ao partir, com o sapato bem colocado, me deu seu telefone. E quase correndo, já na porta, me disse: Ah, já estava esquecendo: Me chamo Olívia.

Un lunes cualquiera, mientras vendía mis pastelillos a la salida del hospital, vi salir de sus puertas a una pareja que lloraba. Los hombros de la mujer, un despojo. Se alzaban muy tensos y bajaban con brusquedad. Le entregaba al cuerpo todito el espasmo hasta dejarlo arrastrado. El llanto del hombre era seco: desembocado pero sin lágrimas. Inventaba para su brazo una fuerza eléctrica que protegiera a su pareja. Sin soltarla. El corazón mismo me hizo ir donde ellos. Su hijo de un mes acababa de morir. Ante la ausencia de sus padres, lo incineraron. Historia conocida. Vivían lejos, no podían acercarse cada día al hospital. Al menos les dieron una caja con cenizas. La sospecha ya los cercaba sin necesidad de agregar la mía. Les invité a café de mi termo y nos sentamos en un banco de la plaza. Eran gente despierta. Y agrandaban los ojos cuando había que hacerlo. El nombre de la mujer era Jesusa. Acordamos encontrarnos allí mismo dentro de cinco días. Por primera vez supe hacer algo concreto: llamé a la del zapato roto.

En el día convenido, aparecimos Olivia y yo. Al saludarnos, levantó un pie, ¿viste? me dijo y rió enseñándome la suela lisa. Sin tacones esta vez, llegaba cargada de papeles y estadísticas. Todo el *supuesto* historial del hospital. Número de niños muertos, diagnósticos en los certificados de defunción, entregas de cadáveres, entregas de cenizas. Me admiró su eficiencia. Nos fuimos a un café-ya no sentados en un banco de la plaza- junto a la otra pareja y los cuatro urdimos

Uma segunda-feira qualquer, enquanto vendia meu bolo na saída do hospital, vi sair de suas portas um casal que chorava. Os ombros da mulher, um despojo. Se alçavam muito tensos e baixavam bruscamente. Entregava o corpo todo ao espasmo até deixá-lo arrastado. O choro do homem era seco: desembocado mas sem lágrimas. Inventava para seu braço um força elétrica que protegia sua parceira. Sem soltá-la. O coração me fez ir onde eles estavam. Seu filho de um mês acabava de morrer. Com a ausência dos pais o cremaram. História conhecida. Moravam longe, não podiam ir todo dia para o hospital. Ao menos lhes deram uma caixa de cinzas. A suspeita já os cercava sem a necessidade de juntar com a minha. Os convidei para um café da minha garrafa e nos sentamos em um banco da praça. Eram pessoas espertas. E aumentavam os olhos quando era isso devia ser feito. O nome da mulher era Jesusa. Marcamos de nos encontrar ali mesmo em cinco dias. Pela primeira vez, soube fazer algo concreto: chamei àquela do sapato quebrado.

E no dia marcado, aparecemos Olívia e eu. Ao cumprimentarmos, levantou um pé, viu? me disse e riu mostrando a sola lisa. Sem saltos desta vez, chegava cheia de papéis e estatísticas. Tudo é um *suposto* histórico do hospital. Números de crianças mortas, diagnósticos nas certidões de óbito, entrega de cadáveres, entrega das cinzas. Me admirou sua eficiência. Fomos a um café – já não mais sentados em um banco da praça – junto com o outro casal, e os quatro

<p>un plan.</p> <p>Esa misma mañana crucé las puertas del hospital para hablar con una de las auxiliares, una mujer joven, gozadora de mis pastelillos. Ésta fue la historia que conté: venía de parte de mi patrona, una señora rica y anónima de la capital, tras un hijo que pareciera suyo, sin adopciones, sin papeles y con mucho dinero (la cifra me la dio Olivia). Si alguien consiguiera hacer la gestión, obtendría una comisión importante.</p> <p>Sentadas en el mismo café, saboreando una buena comida, esperamos la entrada del próximo turno, el de la noche. Me complicaba el horario. ¿Qué decirle al marido por llegar tan tarde? Yo te iré a dejar, a las seis aún no habrá oscurecido. La voz de Olivia era segura. ¡Y me hacía tanta falta una seguridad! Me di cuenta entonces de cuánto había trabajado, sola mi alma, persiguiendo verdades y lo agotada que estaba.</p> <p>Entré al subterráneo a la hora convenida. Llevé hacia un rincón a una aseadora del turno de noche, también amiga de mis pasteles. Trabajaba en la morgue, en la sección limpieza de cadáveres. Esta vez yo venía de parte de un señor, siempre de la capital, que necesitaba unos órganos. Un hígado y un riñón. Pagaba extremadamente bien. Tal como en la mañana con la auxiliar, me miró como si le hablara en otro idioma. Parecían de verdad no saber nada. Prometió averiguar. Dejamos el teléfono particular de Olivia para cualquier aviso.</p> <p>Ya en el auto, camino a mi pueblo,</p>	<p>bolamos um plano.</p> <p>Essa mesma manhã cruzei as portas do hospital para falar com uma das auxiliares, uma mulher jovem, gozadora dos meus bolos. Esta foi a história que contei: vinha da parte de minha patroa, uma senhora rica e anônima da capital, atrás de um filho que parecesse seu, sem adoções, sem papéis e com muito dinheiro (a quantidade me à deu Olívia). Se alguém conseguisse fazer o trâmite, obteria uma comissão importante.</p> <p>Sentadas no mesmo café, saboreando um boa comida, esperamos a entrada do próximo turno, o da noite. Me complicava o horário. O que iria dizer ao marido por chegar tão tarde? Eu irei te deixar, seis horas, ainda não vai ter escurecido. A voz de Olívia passava segurança. E me fazia tanta falta uma segurança! Dei-me conta então de quanto havia trabalhado, sozinha minha alma, perseguindo verdades e como estava esgotada.</p> <p>Entreí no subsolo na hora conveniente. Levei para um canto uma mulher da limpeza do turno da noite, também amiga dos meus bolos. Trabalhava no necrotério, na seção limpeza de cadáveres. Desta vez eu vinha de parte de um senhor, sempre da capital, que precisava de uns órgãos. Um fígado e um rim. Pagava extremamente bem. Tal como pela manhã com a auxiliar, me olhou como se lhe falasse em outro idioma. Pareciam de verdade não saber nada. Prometeu averiguar. Deixamos o telefone particular de Olívia para qualquer aviso.</p> <p>Já no carro, a caminho da minha vila,</p>
---	--

pregunté a Olivia por qué lo hacía. Conviene destapar cualquier tema que haga al país más decente, respondió, agregando, mientras encendía un cigarrillo, los países pobres somos además corruptibles y la corrupción es la enemiga mortal del desarrollo. No entendí demasiado el significado de las palabras pero reconocí el tono. Y el lenguaje. Pensé en mi príncipe. (La verdad es que Olivia siempre me lo recordaba.) Pudor me daba que gastara tiempo en mí y se lo confesé. No es por ti, mujer, es por todas las personas como tú, es por mi país en el que invierto tiempo. Calladamente me pregunté: de haber tenido su educación, ¿sería yo como ella?

Esa noche tuve sueños largos. Aparecía mi niña, no dejaba de aparecer mi niña, celeste y divina ella. Pero algunas imágenes me aterraron. La veía a punto de caer, parada en el borde de un acantilado. La veía tendida en una cama llena de sombras con un padre adoptivo tocándola. La veía una mañana desnuda, una de esas mañanas con cara de agua sucia, desnuda ella en el barro y temblando por el frío. Apiádate de ella, rogué al que me escuchara, apiádate de mí. Cuando aparece el color marrón se sabe que la muerte acecha. Si el marrón se enturbia y se convierte casi en negro, galopando viene la muerte. Como todo, ella tiene su propio color. Pensé, ya despierta, en la blusa celeste nube que usaba Jesusa a la salida del hospital cuando lloraba la pérdida de su hijo. Pensé en lo terrible que sería para ella, vestida de celeste, enfrentar el

perguntei a Olívia porque o fazia. Convém descobrir qualquer tema que faça o país mais decente, respondeu, completando, enquanto acendia um cigarro, os países pobres somos também corruptíveis e a corrupção é a inimiga mortal do desenvolvimento. Não entendi muito o significado das palavras mas reconheci o tom. E a linguagem. Pensei em meu príncipe. (A verdade é que Olívia sempre me fazia lembrar ele.) Vergonha me dava que gastasse tempo comigo e assim o confessei a ela. Não é por ti, mulher, é por todas as pessoas como você, é por meu país que invisto tempo. Caladamente perguntei-me: se eu tivesse tido sua educação, seria eu como ela?

Essa noite tive sonhos longos. Aparecia minha menina, não deixava de aparecer minha menina, celestial e divina. Mas algumas imagens aterrorizaram-me. A via a ponto de cair, parada na borda de precipício. A via deitada em uma cama cheia de sombras com um pai adotivo tocando-a. A via uma manhã nua, uma dessas manhãs com cara de água suja, nua ela na lama e tremendo de frio. Tem misericórdia dela, roguei que me escutasse, misericórdia de mim. Quando aparece a cor marrom sabe-se que a morte espreita. Se o marrom se turva e converte-se quase em negro, galopando vem a morte. Como todo, ela tem sua própria cor. Pensei, já acordada, na blusa azul celeste que Jesusa usava à saída do hospital quando chorava a perda de seu filho. Pensei no terrível que seria para ela, vestida de celeste, enfrentar o falecimento de seu

<p>fallecimiento de su bebé. El color de las nubes nada tiene que ver con la muerte.</p> <p>La mañana era lacia. Habíamos celebrado el cumpleaños de mi suegra la noche anterior. Dormitábamos trasnochados como un par de enredaderas flojas. El marido había tomado mucho. Le dio con ponerse cariñoso y se lo permití. Después tuve pesadillas espantosas de que paría un hijo cerdo. Debilucha del corazón andaba yo ese día. Mientras me compadecía tocó a la puerta la chiquilla del carnicero -la que tomaba los recados telefónicos- para avisarme de que Olivia había llamado. Era la seña.</p> <p>Salté de la cama como si un perro bravo me persiguiera, olvidando todo padecer. A la hora en punto me encontraba al frente de la puerta del hospital, sin pastelillos porque no alcancé a hacerlos, pero con el termo lleno de café bien cargado. Muy pronto se me acercó la auxiliar del turno de la mañana. La primera respuesta la obtuvimos por la adopción. Tenías razón, existe una manera de hacer pasar a los recién nacidos por muertos. Así me lo dijo, tal cual. Y siguió hablando en voz bajita, como debe hacerse en una conspiración, una horrorosa palabra tras otra, como esos libros que enseñan el alfabeto: letras rígidas, frases negras y entrecortadas.</p> <p>Tenemos una mujercita de cinco días. Su madre no se dará cuenta.</p> <p>Es pobre e ignorante. Eso dicen los que saben. Piden mucho dinero.</p> <p>Mucha gente involucrada. Que tu patrona</p>	<p>bebê. A cor das nuvens nada tem a ver com a morte.</p> <p>A manhã era mole. Tínhamos celebrado o aniversário de minha sogra na noite anterior. Cochilávamos trasnoitados como um par de trepadeiras soltas. O marido tinha bebido muito. Ficou carinhoso e eu permiti. Depois tive pesadelos horríveis de que paria um filho porco. Fraca do coração andava eu nesse dia. Enquanto eu lamentava, bateu na porta a filhinha do açougueiro - a que pegava os recados telefônicos - para me avisar de que Olívia tinha ligado. Era o sinal.</p> <p>Pulei da cama como se um cachorro bravo me perseguisse, esquecendo todo padecer. Pontualmente encontrava-me em frente à porta do hospital, sem os bolinhos porque não deu tempo de fazê-los, mas com a garrafa térmica cheia de café bem forte. Rapidamente aproximou-se a auxiliar do turno da manhã. A primeira resposta que obtivemos foi pela adoção. Tinha razão, existe uma maneira de fazer passar aos recém nascidos por mortos. Assim me disse, tal qual. E seguiu falando em voz baixinha, como deve ser feito em uma conspiração, uma horrorosa palavra depois de outra, como nesses livros que ensinam o alfabeto: letras rígidas, frases negras e soluçadas.</p> <p>Temos um mulherzinha de cinco dias. Sua mãe não se dará conta.</p> <p>É pobre e ignorante. Isso dizem os que sabem. Pedem muito dinheiro.</p> <p>Muita gente envolvida. Que sua patroa se</p>
--	---

se apure.

El corazón me dio tres vueltas. Una por la rabia, otra por el miedo y la tercera por la pena. Vomité en el taxi camino a la oficina - la misma ONG del primer día- donde me esperaba Olivia. Mujer ignorante, ésa soy yo, mujer tonta a la que pueden darle por muerta a su hija, mujer pobre y tonta e ignorante, por eso no tengo a mi niña, mujer pobre y tonta, pobre y tonta, más arcadas, más náuseas, más pena de haber nacido pobre y tonta. Sentí sus manos calentitas que nunca más tocaría. Al bajar del taxi, se abrió el termo que llevaba y el café se derramó. La vereda y yo quedamos manchadas, corría por mi ropa, por mis piernas. Miré cómo poco a poco todo adquiriría ese color marrón oscuro. Ya saben, *ese* color.

Al margen de mis deseos, aquel día la vida se organizó en mi cabeza. Hablo de la vida real. Ya sabía a qué atenerme: dentro del orden de las cosas, yo era una puntada suelta. Y me habían dejado fuera.

La voz conspirativa de la auxiliar frente a mi termo de café pasó a ser la semilla, y tres mujeres, Olivia, Jesusa y yo, que ya éramos organización sin saberlo, comenzamos el movimiento. Nuestro primer acto fue elegir cuatro hospitales de la zona -por supuesto, a los inicios no nos acercamos al mío- y pararnos muy erguidas las tres juntas frente a la maternidad con unos grandes carteles. Llamábamos a las madres a no perder de vista a sus hijos. Que se los podían robar. Que si morían, que exigieran el cadáver.

apresse.

O coração me deu três voltas. Uma por raiva, outra por medo e a terceira por pena. Vomitei no táxi a caminho do escritório – a mesma ONG do primeiro dia - onde me esperava Olívia. Mulher ignorante, essa sou eu, mulher pobre, tola, a quem podem enganar e passar sua filha por morta, mulher pobre, tola e ignorante, por isso não tenho minha menina, mulher pobre e tonta, pobre e tonta, mais ânsia, mais náuseas, mais pena de ter nascido pobre e tola. Senti suas mãos quentinhas que nunca mais tocaria. Ao descer do táxi, a garrafa térmica se abriu e o café derramou. Eu e a calçadas ficamos manchadas, corria por minha roupa, por minhas pernas. Olhei como pouco a pouco tudo adquiria essa cor marrom escuro. Já sabem, *essa* cor.

À margem de meus desejos, naquele dia a vida organizou-se em minha cabeça. Falo da vida real. Já sabia a que me ater: dentro da ordem das coisas, eu era uma ponta solta. E tinham me deixado fora.

A voz conspirativa da auxiliar em frente à minha garrafa de café passou a ser a semente, e três mulheres, Olívia, Jesusa e eu, que já éramos uma organização sem sabermos, começamos o movimento. Nosso primeiro ato foi eleger quatro hospitais da zona – é claro que no início não nos aproximamos do meu - e nos paramos erguidas as três juntas em frente à maternidade com uns grandes cartazes. Chamávamos às mães a não perder de vista seus filhos. Que os podiam roubar. Que se morressem, que exigissem o

Que nosotras ofrecíamos nuestra ayuda. Cada vez que la policía se hartaba, Olivia sacaba la voz y se las arreglaba con su jerga leguleya. Y también con su porte, creo yo. La ONG nos prestó una pequeña sala para funcionar y así pasé a tener, por primera vez en mi existencia, una oficina. La arreglamos a nuestro modo, siempre alguna flor silvestre en un vaso. Con esfuerzo, Jesusa y yo empezamos a ir todos los días a la ciudad. Dos o tres veces por semana llegaba alguien o llamaban para contar su cuento. Mientras un grupo de abogadas, amigas de Olivia, preparaban un juicio contra mi hospital, nosotras viajábamos a ciudades cercanas para manifestarnos en otras maternidades. Olivia no podía desatender a cada rato su trabajo en la capital por lo que nos enseñó a decir algunas cosas y terminamos por hacerlo solas.

La mayoría de las mujeres que comenzaron a llegar poco a poco a nuestra pequeña oficina no podían perdonar ni perdonarse. Se unieron a nosotras porque les hacía bien hablar y sacar la pena y la rabia. En el futuro llegamos a ser tantas porque nos habíamos unido para prevenir la pena ajena. Y para albergarla cuando ya era irremediable. Junto a ellas planeábamos nuevas acciones de investigación o denuncia. Nos gustaba reunirnos. Las mujeres pobres tienen pocas ocasiones de estar con otras conversando y haciendo cosas importantes. La amistad se daba sola, sin buscarla, parecía el resultado natural. Éramos

cadáver. Que nós oferecíamos nossa ajuda. A cada vez que a polícia se cansava, Olívia tirava a voz e lhes falava com termos técnicos. E também com seu porte, acredito eu. A ONG nos emprestou uma pequena sala para funcionar e assim passei a ter, pela primeira vez em minha existência, um escritório. Arrumamos do nosso jeito, sempre alguma flor silvestre em um vaso. Com esforço, Jesusa e eu começamos a ir todos os dias à cidade. Duas ou três vezes por semana chegava alguém ou nos chamavam para contar sua história. Enquanto um grupo de advogadas, amigas de Olívia, preparavam um julgamento contra meu hospital, nós viajávamos a cidades próximas para manifestar em outras maternidades. Olívia não podia negligenciar em qualquer momento seu trabalho na capital, por isso nos ensinou a dizer algumas coisas e terminamos fazendo-o sozinhas.

A maioria das mulheres que começaram a chegar pouco a pouco em nosso pequeno escritório não podiam perdoar nem se perdoar. Uniram-se a nós porque lhes fazia bem falar e tirar a pena e a raiva. No futuro chegamos a ser tantas porque tínhamos nos unido para prevenir a pena alheia. E para abrigá-la quando já era irremediável. Junto a elas planejávamos novas ações de investigação ou denúncia. Gostávamos de nos reunir. As mulheres pobres têm poucas ocasiões de estar com outras conversando e fazendo coisas importantes. A amizade dava-se sozinha, sem buscá-la, parecia o resultado natural. Éramos todas solidárias de uma mesma

todas solidarias de la misma causa. Olivia pasó a ser el ángel guardián que algún dios bueno nos envió para velar por nosotras. Todas las tardes, camino a casa, pensaba en una cosa: la educación. Aquélla era la gruesa línea que dividía al mundo, que determinaba nuestro pasado y el porvenir. Le puse color a esa línea en mi cabeza: la pinté de azul. Y las variaciones de ese azul contenían toda nuestra historia.

En el primer acto que organizamos, un acto pequeño, sólo entre nosotras, me pidieron que tomara la palabra. No titubeé en aclarar la verdad: Las cosas son como son y de nada sirve adornarlas. ¿Por qué vamos a contar el cuento de que somos mujeres sacrificadas? No, somos mujeres sufridas, digo yo, que no es lo mismo. Abusadas por los poderosos. Y aburridas de nuestras vidas pobres y sin destino, sin nada en que poner el alma que no sea la comida diaria o el trabajo del marido o la salud de los niños. No somos *mujeres buenas*, somos mujeres golpeadas por la vida, duramente golpeadas, y estamos enojadas. No podemos vivir con este enojo adentro porque vamos a explotar. Por eso debemos denunciar. Es por mí, dije casi en un grito, es por mí primero, luego por cada una de nosotras, y después, mucho después, por las demás.

Eres *hiperrealista*, me dijo más tarde Olivia.

Así fuimos creciendo y armando tal alboroto que con el tiempo nadie se atrevió a robar un bebé en el país. Sólo porque nosotras

causa. Olívia passou a ser o anjo da guarda que algum deus bom nos enviou para velar por nós. Todas as tardes, caminhava para casa, pensava em uma coisa: a educação. Aquela era a grossa linha que dividia o mundo, que determinava nosso passado e o futuro. Coloquei uma cor a essa linha em minha cabeça: pintei-a de azul. E as variações desse azul continham toda nossa história.

No primeiro ato que organizamos, um ato pequeno, só entre nós, me pediram que tomasse a palavra. Não titubeei em esclarecer a verdade: As coisas são como são e de nada serve enfeitá-las. Por que vamos contar a história de que somos mulheres sacrificadas? Não, somos mulheres sofridas, digo eu, que não é o mesmo. Abusadas pelos poderosos. E entediadas de nossas vidas pobres e sem destino, sem nada em que pôr a alma que não seja a comida diária ou o trabalho do marido ou a saúde das crianças. Não somos *mulheres boas*, somos mulheres atingidas pela vida, duramente atingidas, e estamos enojadas. Não podemos viver com este nojo dentro porque vamos explodir. Por isso devemos denunciar. É por mim, disse quase em um grito, é por mim em primeiro lugar, depois por cada uma de nós, e depois, muito depois, pelas demais.

Você é *hiper-realista*, me disse mais tarde Olívia.

Assim fomos crescendo e armando tal alvoroço que com o tempo ninguém se atreveu a roubar um bebê no país. Só porque nós

existíamos. Pero me estoy adelantando a los hechos. Debo tratar de ser *cronológica*, como cuando me enseñaron a escribir. Eran más y más las mujeres que se nos unían. A veces aparecía una extraviada, pobrecita, que nada tenía que ver con el movimiento y Olivia la descartaba (como en todo lugar que se precie, decía). La mayoría de ellas eran jóvenes asustadas que querían consejo antes de parir, primerizas casi todas. Les explicábamos qué decir a cada miembro del personal que las atendiera en el hospital para que las trataran de inmediato como personas. No como tontas ignorantes. Les advertíamos sobre la necesidad de estar alerta a cada movimiento en torno al bebé y el detalle de la *evolución del recién nacido*. Ya empleábamos términos técnicos para capacitar primerizas. Qué agradecidas se mostraban y con qué seguridad se enfrentaban a los que ostentaban más poder que ellas.

Olivia solía comentar que nunca conoció una mujer más empeñosa que yo. Que resultaba tan eficiente como ella, lo que era mucho decir. Nos reíamos las dos. Desde el trabajo y la risa surgió una amistad como nunca tuve. Tercas habían resultado mis relaciones con las mujeres. No tuve una hermana. En el campo casi no veía a gente de mi edad, las distancias eran insalvables. En el restaurante no nos daba el tiempo para intimar entre las meseras, siempre corríamos. En la paquetería trabajaba sola con la abuelita. En el pueblo las vecinas eran odiosas, incluso llegaron a acusarme de asesina.

existíamos. Mas estou me adiantando aos fatos. Devo tratar de ser *cronológica*, como quando me ensinaram a escrever. Eram mais e mais as mulheres que a nós se uniam. Às vezes aparecia uma perdida, pobrezinha, que nada tinha a ver com o movimento e Olívia a descartava (como em todo local que se preze, dizia). A maioria delas eram jovens assustadas que queriam conselho antes de parir, mães de primeira viagem quase todas. Explicávamos o que dizer a cada membro do pessoal que as atendesse no hospital para que as tratassem de imediato como pessoas. Não como tolas ignorantes. Advertíamos sobre a necessidade de estar alerta a cada movimento em torno do bebê e o detalhe da *evolução do recém-nascido*. Já empregávamos termos técnicos para capacitar as mãezinhas. Quão agradecidas se mostravam e com quanta segurança enfrentavam aos que ostentavam mais poder que elas.

Olívia costumava comentar que nunca conheceu uma mulher com mais disposição do que eu. Que resultava tão eficiente como ela, o que era dizer muito. Ríamos as duas. Desde o trabalho e o riso surgiu uma amizade como nunca tive. Teimosas tinham resultado minhas relações com as mulheres. Não tive uma irmã. No campo quase não via pessoas da minha idade, as distâncias eram insuperáveis. No restaurante não nos dava tempo para criar uma intimidade entre as mesas, sempre corríamos. No armarinho trabalhava só com a avozinha. Na vila as vizinhas eram odiosas, inclusive chegaram a

Ya relaté que Olivia era una mujer de huesos largos. Se cortaba el pelo hasta el cuello para jugar con los mechones que caían, enrollándoselos por detrás de la oreja. Su color natural, castaño claro, se revolvía con unas pequeñas luces rubias, y falsas, por supuesto. Ante mi incomprensión, tardaba horas en la peluquería, para qué tanto afán si ni se le notaban. La considerábamos elegante pero ella lo negaba diciendo que teníamos pocos puntos de comparación. De todos modos a mí me lo parecía y sus gestos, dijera lo que dijera, expresaban distinción. Cada vez que nos veíamos, observaba minuciosamente su ropa. Me daban curiosidad las mujeres de ese mundo. A veces me largaba a reír, ¿no te da vergüenza usar eso? le preguntaba frente a unos pantalones más anchos que sus dos piernas juntas o a chalecos holgados que evidenciaban varias tallas más que la suya. Yo jamás me habría vestido con ropas de hombre, me gustaban tanto las líneas ceñidas y voluptuosas.

Olivia era hija única, quizá por eso tenía tanta ropa. Su padre había muerto diez años atrás y su madre vivía sola en un enorme caserón de la capital. Me fue difícil comprender que no viviera con ella, habiendo tanto espacio, pero su departamento de soltera era su chiche. Al terminar la carrera de Derecho partió a Estados Unidos a hacer un posgrado en una universidad importante, una con nombre difícil en inglés, y por esa razón le ofrecían buenos trabajos. Pero

acusar-me de assassina.

Já relatei que Olívia era uma mulher de ossos longos. Cortava o cabelo até o pescoço para jogar com as mechas que caíam, enrolando-as por trás da orelha. Sua cor natural, castanho claro, se misturava com umas pequenas luzes loiras, e falsas, é claro. Diante minha incompreensão, demorava horas no salão, para que tanto afã se nem as notavam. Considerávamo-la elegante, mas ela negava dizendo que tínhamos poucos pontos de comparação. De todos modos a mim parecia e seus gestos, dissesse o que dissesse, expressavam distinção. A cada vez que nos víamos, observava minuciosamente sua roupa. Davam-me curiosidade as mulheres desse mundo. Às vezes começava a rir, não te dá vergonha usar isso? perguntava em frente a umas calças mais largas que suas duas pernas juntas ou a blazers folgados que evidenciavam vários tamanhos mais que o seu. Eu jamais teria me vestido com roupas de homem, gostava tanto das linhas cingidas e voluptuosas.

Olívia era filha única, talvez por isso tinha tanta roupa. Seu pai havia morrido há dez anos e sua mãe vivia sozinha em um enorme casarão na capital. Foi difícil entender porque não morava com ela, havendo tanto espaço, mas seu apartamento de solteira era seu bem mais querido. Ao terminar a faculdade de Direito partiu para os Estados Unidos para fazer uma pós-graduação em uma universidade importante, uma com um nome difícil em inglês, e por essa razão

<p>pocos novios, le decía yo.</p> <p>Y hablando de novios, por fin tuve a quien contar la historia de mi gran amor. Nunca lo había hecho y al ponerla por vez primera en palabras, la sentí florida e inmensa. Le mostré esa cita que, escrita con su propia letra, había dejado olvidada en uno de los libros que me regaló.</p> <p><i>¿De quién es ese fatal destino? ¡Creo que es mío!</i></p> <p><i>¿Por qué mi corazón zozobra? ¿Por qué vacila mi lengua? Si tres vidas tuviese las tres daría por la causa</i></p> <p><i>Y me erguiría con los fantasmas sobre el reñido campo de batalla</i></p> <p><i>¡Preparaos, preparaos!</i></p> <p>William Blake</p> <p>No fue un abandono, concluyó muy convencida, él se fue por razones políticas, estoy casi segura que fue así; yo habría hecho lo mismo.</p> <p>Y como ella decidió que yo era inteligente, empezó a enseñarme cosas. Lo primero fue la capital. Ay, mamacita, ¡que yo no podía creerlo! Estar parada en su centro era como pisar la luz. En el barrio cívico me pareció haber estado ya y recordé el serial de la tele, aquel de la conquista española y la colonia que vimos con el príncipe. Tomé el diccionario de Olivia, uno grande y grueso y milagroso, y escogí tres palabras. Majestuosa. Rutilante. Suntuosa. Así pude describir la capital de mi país.</p>	<p>lhe ofereciam bons trabalhos. Mas poucos namorados, eu dizia.</p> <p>E falando de namorados, enfim tive a quem contar minhas história de amor. Nunca o havia feito e ao colocá-la pela primeira vez em palavras, a senti florida e imensa. Mostrei essa citação que, escrita com sua própria letra, havia deixado esquecido em uns livros que me presenteou.</p> <p><i>De quem é esse fatal destino? Acredito que é meu!</i></p> <p><i>Por que meu coração se perturba? Por que vacila minha língua? Se três vidas tivesse as três daria pela causa</i></p> <p><i>E me ergueria com os fantasmas sobre o lutado campo de batalha</i></p> <p><i>Preparem-vos, preparem-vos!</i></p> <p>William Blake</p> <p>Não foi um abandono, concluiu bem convencida, ele se foi por razões políticas, estou quase certa que foi assim; eu teria feito o mesmo.</p> <p>E como ela decidiu que eu era inteligente, começou a me ensinar algumas coisas. Primeiramente fui a capital. Ai meu Deus, não podia acreditar! Estar parada em seu centro era como pisar na luz. No bairro cívico me pareceu já ter estado e lembrei do seriado da tv, aquele da conquista espanhola e a colônia que vimos com o príncipe. Peguei o dicionário de Olívia, um grande e grosso e milagroso, e escolhi três palavras. Majestosa. Brilhante. Luxuosa. Assim pude descrever a capital de meu país.</p>
--	--

(¿Para qué decir enorme si puedo decir inconmensurable? Así me enseñó Olivia a usar el diccionario.)

Luego vinieron las lecciones de escritura: cartas, memorandos, hasta discursos. Escribir mi historia, no, aquello no entró en tabla. Tal hazaña quedaba para las furias o para los espíritus benditos. Fueron tardes largas y aprovechadas. Le agradecí muchas veces a mi tenacidad infantil. A mi negativa de ser una analfabeta. Pobre mamacita mía, si me hubiesen robado al nacer, ¿qué habría hecho ella? Cuando le pedí a Olivia que me enseñara a vestir, se negó. Una cosa es crecer, me dijo, y otra es abandonar la identidad. Creo que la lección más difícil fue aprender a hablar en público. Tomar la voz entre mujeres como yo no me costaba, pero la primera vez que se habló de ir a la televisión o a una universidad, sentí el pavor instalarse como el celo en una gata. Olivia no cejaba. Vamos, mi Eliza Doolittle, me decía, contándome de una florista de los barrios bajos de Inglaterra que pasó a hablar como una princesa.

Y llegó el día en que debí asistir, en carne y hueso, a un programa de conversación en la tele. Mi presencia allí era importante para el movimiento y me querían *a mí*, no a otra. Como Olivia no desmayaba, me llevó a la capital con dos días de anticipación y me instaló en casa de su madre. Se había operado del estómago y guardaba cama absoluta. En esas condiciones la conocí. Sólo pude saludarla. Pero se notaba una

(Para que dizer enorme se posso dizer imensurável? Assim me ensinou Olívia a usar o dicionário)

Depois vieram as lições de escrita: cartas, memorandos, até discursos. Escrever minha história, não, aquilo não entrou em tabela. Tal façanha ficava para as fúrias ou para os espíritos benditos. Foram tardes longas e aproveitadas. Agradei-lhe muitas vezes a minha constância infantil. À minha negativa de ser uma analfabeta. Pobre mãezinha minha, se tivessem me roubado ao nascer, o que faria ela? Quando pedi a Olívia que me ensinasse a me vestir, se negou. Uma coisa é crescer, me disse, e outra é abandonar a identidade. Acredito que a lição mais difícil foi aprender a falar em público. Tomar a voz entre mulheres como eu não me custava, mas a primeira vez que se falou de ir à televisão ou a uma universidade, senti o pavor se instalar como o cio em uma gata. Olivia não afrouxava. Vamos, minha Eliza Doolittle, me dizia, contando de uma florista dos bairros baixos da Inglaterra que passou a falar como uma princesa.

E chegou o dia em que devia comparecer, em carne e osso, a um programa de conversa na tv. Minha presença ali era importante para o movimento e queriam a mim, não a outra. Como Olívia não parava, me levou à capital com dois dias de antecipação e me instalou na casa de sua mãe. Ela tinha operado o estômago e estava de repouso absoluto. Nessas condições a conheci. Só pude saudá-la. Mas se notava uma idosa cheia

anciana llena de fuerza que no pensaba despedirse aún de la vida. Y mientras daba vueltas por ese palacio, de habitación en habitación, me creía una heroína del cine.

Olivia se consiguió una máquina filmadora y ensayábamos en un salón muy amplio del primer piso. Luego podía verme a mí misma en la película y detectar las fallas. Cuando decidimos que nos hacía falta una tercera persona, ya fuera para filmar o para actuar de entrevistadora, acudimos a Elvira, la enfermera de su mamá. La menciono porque más tarde adquiriría una imprevista relevancia en mi vida. Aunque mayor que nosotras, Elvira era mujer aún joven, probablemente se acercaba a los cuarenta. Enfermera de profesión -porque no le alcanzó el dinero para estudiar medicina- cuidaba de noche a la madre de Olivia, a quien conocía desde siempre pues una de sus obras de beneficencia había sido costarle los estudios. Aunque a Elvira le pagaban sus servicios, su motor era el agradecimiento. Lamentablemente, su trabajo diurno era en el hospital psiquiátrico, donde no hay partos; hubiera resultado una buena informante. Pero volvamos a mis intentos de transformarme en una persona pública. Cuando la madre de Olivia dormía, Elvira bajaba al salón y jugaba a ser la entrevistadora. Hacía preguntas muy precisas, al hueso. Le sugerimos que cambiara la enfermería por el periodismo. A veces se me quebraba la voz cuando trataba de exponer una idea o la cabeza se me ponía en el más puro blanco. Dale, sigamos, decía Olivia

de força que não pensava em se despedir ainda da vida. E enquanto dava voltas por esse palácio, de quarto em quarto, me achava uma heroína do cinema.

Olívia conseguiu uma filmadora e ensaiávamos em uma sala bem ampla do primeiro andar. Depois podia me ver no filme e detectar as falhas. Quando decidimos que nos fazia falta uma terceira pessoa, já fosse para filmar ou para atuar de entrevistadora, chamamos à Elvira, a enfermeira de sua mamãe. A menciono porque mais tarde adquiriria uma imprevista relevância em minha vida. Embora mais velha que nós, Elvira era mulher ainda jovem, provavelmente se acercava aos quarenta. Enfermeira de profissão -porque não conseguiu o dinheiro para estudar medicina- cuidava de noite da mãe de Olívia, a quem conhecia desde sempre pois uma de suas obras benéficas tinha sido lhe custear os estudos. Embora pagasse a Elvira seus serviços, seu motor era o agradecimento. Lamentavelmente, seu trabalho diurno era no hospital psiquiátrico, onde não há partos; teria resultado em uma boa informante. Mas voltemos a minhas tentativas de transformar-me em uma pessoa pública. Quando a mãe de Olívia dormia, Elvira ia para a sala e brincava de ser a entrevistadora. Fazia perguntas muito precisas, diretas ao ponto. Sugerimos que mudasse a enfermagem pelo jornalismo. Às vezes minha voz falhava quando se tratava de expor uma ideia, me dava um banco. Vamos, prossiga dizia Olívia despreocupada, de onde nascia essa

<p>despreocupada, ¿de dónde le nacía esa confianza en mí?</p> <p>Partí a la tele preparada y con el miedo un poco disminuido por las prácticas, pero sólo un poco. Ya en el aire, con las luces y las cámaras sobre mí, la ansiedad comenzó a evaporarse hasta que se fue volando. Y si me apuran, diría que me gustó estar ahí. ¡Eso sí que no lo habría imaginado! Llegué a parecer uno de esos políticos que saben decir las cosas, pero la verdad es que ni lo pensé, las palabras me salían de adentro, a borbotones que no intenté frenar. Mi gran logro fue decir cosas lindas y conseguir la atención de medio país -era un programa importante- para que más tarde nos abrieran las puertas. Esa noche probé por primera vez la champaña. Celebramos como Dios manda Elvira, Olivia y yo. Entre trago y trago le expresé a Olivia mis sentimientos: que sin ella, esta organización que yo ahora presidía sería inexistente. Sin ti también, me respondió y volvió a llenar las copas.</p> <p>Una de las cosas que me asombra y me duele de este continente, me dijo Olivia un día, prendiendo un cigarrillo, con ese gesto que se le ponía en la cara cuando hablaba de temas serios, es que, desde siempre, todo se desvanece. Las cosas y las personas. Mira este invento de las dictaduras militares, de los presos políticos desaparecidos. Y antes, la eliminación de los pueblos originarios, de los insurgentes en las guerras de la independencia, de los mineros y los obreros en las primeras huelgas. Y ahora, hasta</p>	<p>confiança em mim?</p> <p>Parti para tv preparada e com o medo um pouco diminuído pelas práticas, mas só um pouco. Já no ar, com as luzes e as câmeras sobre mim, a ansiedade começou a se evaporar até que se foi voando. E se me perguntarem, diria que gostei de estar ali. Isso sim eu não teria imaginado! Cheguei a parecer um desses políticos que sabem dizer as coisas, mas a verdade é que nem pensei, as palavras saíam de dentro, desenfreadas e não tentei pará-las. Minha grande conquista foi dizer coisas lindas e conseguir a atenção da metade do país - era um programa importante - para que mais tarde nos abrissem portas. Essa noite provei pela primeira vez um champanhe. Celebramos como Deus manda. Elvira, Olívia e eu. Entre um gole e outro expressei a Olívia meus sentimentos: que sem ela, esta organização que eu agora presidia seria inexistente. Sem você também, me respondeu e voltou a encher os copos.</p> <p>Uma das coisas que me assombra e me dói deste continente, me disse Olívia um dia, prendendo um cigarro, com esse gesto que fazia no rosto quando falava de temas sérios, é que, desde sempre, tudo evapora. As coisas e as pessoas. Olha essa invenção das ditaduras militares, dos presos políticos desaparecidos. E antes, da eliminação dos povos originários, dos insurgentes nas guerras da independência, dos mineradores e os operários nas primeiras greves. E agora, até os recém nascidos. Sempre se</p>
---	---

<p>los recién nacidos. Siempre se desaparece en este continente.</p> <p>Bordándolo, una araña tejió cuidadosamente el encuentro entre tú y yo, me dijo Olivia un día, ¿o creíste que fue sólo el azar?</p> <p>Me alojaba esa noche en la capital en casa de la madre de Olivia que, desde su confinamiento en el dormitorio, gustaba de saber su casa habitada, que alguien emplee y disfrute tantos metros cuadrados, solía decir. Le hacíamos compañía, sentadas en unos coquetos sillones color palo de rosa alrededor de su cama, cuando Olivia miró la hora en su reloj y se levantó dispuesta a partir. La acompañé al primer piso. Ya en la puerta de calle, con el abrigo en la mano, pareció cambiar de idea. ¿Sabes? no pienso asistir a esa reunión, vamos, hagámonos un café, dijo, y nos instalamos en la mesa de la cocina. Encendió uno de sus inevitables cigarrillos.</p> <p>Sin yo saberlo, al hacerla partícipe de mi historia con el príncipe le había dado cuerda a un mecanismo secreto que giraba dentro de esa cabeza rápida y un poco acelerada.</p> <p>Entonces habló de la araña y del azar. Y se sumergió en un largo relato.</p> <p>Sucedió en los tiempos universitarios. Cuando las niñas bien se encontraban por fin con el otro lado, dijo con sarcasmo. Abriendo los ojos al mundo, lo vi. Era tan guapo, tenía los ojos negros más negros del universo. Su familia era campesina, como la tuya, pero su biografía era más cruel, más hambrienta, más helada. Vino a la ciudad para hacerse un porvenir pero le faltaban</p>	<p>desaparece neste continente.</p> <p>Bordando-o, uma aranha teceu cuidadosamente o encontro entre você e eu, me disse Olívia um dia, ou achou que foi só a sorte?</p> <p>Alojava-me essa noite na capital na casa da mãe de Olívia que, desde seu confinamento no quarto, gostava de ver sua casa habitada, que alguém empregue e desfrute tantos metros quadrados, costumava dizer. Fazíamos companhia, sentadas em umas cadeiras cor pau de rosa ao redor de sua cama, quando Olívia olhou a hora em seu relógio e se levantou disposta a partir. Eu a acompanhei ao primeiro andar. Já na porta da rua, com um casaco na mão, pareceu mudar de ideia. Sabe? não penso em assistir a essa reunião, vamos, façamos um café, disse, e nos instalamos na mesa da cozinha. Acendeu um de seus inevitáveis cigarros.</p> <p>Sem eu o saber, contá-la de minha história com o príncipe lhe tinha dado corda a um mecanismo secreto que girava dentro dessa cabeça rápida e um pouco acelerada.</p> <p>Então falou da aranha e da sorte. E mergulhou em um longo relato.</p> <p>Aconteceu nos tempos universitários. Quando as crianças se encontravam por fim com o outro lado, disse com sarcasmo. Abrindo os olhos ao mundo, o vi. Era tão lindo, tinha os olhos pretos mais pretos do universo. Sua família era camponesa, como a tua, mas sua biografia era mais cruel, mais faminta, mais gelada. Veio à cidade para fazer um futuro, mas faltavam-lhe os</p>
--	--

los instrumentos para forjárselo. Pensé que quizá con mi ayuda lo lograra. Entre mis estudios de Derecho y la efervescencia política, me dediqué a él. Deliciosa dedicación. Utilizó mis ojos para leer, mi mano para escribir, hasta que se los apropió. Pero, hiciese lo que hiciese, lo envolvía una suerte de desamparo. Le hablé por fin de los sindicatos, algo que atajara su vulnerabilidad. Que lo protegiera. Le enseñé los códigos del trabajo, si se convertía en un dirigente gremial no se lo llevarían por delante. Se organizó entonces una huelga general, no sé si la recuerdas, marcó un hito importante. Miles de trabajadores en la calle, sólo dos muertos. Uno de ellos fue él. Asesinado en mis propias narices, por culpa de los elementos que yo le había dado. Su mundo no me pertenecía, yo sabía de antemano que él nunca saldría de allí, pero insistí.

Luego de aquello, puse la máxima distancia posible entre mi país y yo. Me fui a Estados Unidos a hacer el posgrado. Nunca me he recuperado, soy una viuda, ¿sabes?

A veces lo veo a él en ti.

Somos un juego de espejos tú y yo. Tenemos una historia similar pero invertida. Un raro reflejo,

¿verdad?

Viví toda esa etapa rodeada de mujeres. Y como si todas cupiésemos en un gran abrazo, me sentía protegida por ellas. Pero a medida que avanzaba en mi vida pública, temí emprender una larga despedida: nunca encontraría a mi niña. A pesar de que el juicio contra mi hospital iba viento

instrumentos para forjá-lo. Pensei que talvez com minha ajuda conseguisse. Entre meus estudos de Direito e a efervescência política, me dediquei a ele. Deliciosa dedicação. Utilizou meus olhos para ler, minha mão para escrever, até que os apropriou. Mas, fizesse o que fizesse, o envolvia uma sorte de abandono. Falei-lhe por fim dos sindicatos, algo que atalhasse sua vulnerabilidade. Que o protegesse. Ensinei-lhe os códigos de trabalho, se se transformasse em um líder gremial não o levariam por diante. Organizou-se então uma greve geral, não sei você lembra, foi um evento muito importante. Milhares de trabalhadores na rua, só dois mortos. Um deles foi ele. Assassinado no meu próprio nariz, por culpa dos elementos que eu lhr tinha dado. Seu mundo não me pertencia, eu sabia de antemão que ele nunca sairia dali, mas insisti.

Depois daquilo, coloquei a máxima distância possível entre meus pais e eu. Fui para o Estados Unidos fazer pós-graduação. Nunca me recuperei, sou uma viúva, sabe?

As vezes vejo ele em você.

Somos um jogo de espelho eu e você. Temos uma história similar, mas invertida. Um raro reflexo.

verdade?

Vivi toda essa etapa rodeada de mulheres. E como se todas coubéssemos em um grande abraço, me sentia protegida por elas. Mas à medida que avançava em minha vida pública, temi emprender uma longa despedida: nunca encontraria a minha menina. Apesar de que o

en popa y comenzaban a ventilarse los trapos sucios, no lográbamos dar con pruebas concretas y eficientes para el tribunal. Era nuestra palabra contra la de ellos. Nunca reconocerían el robo. Me preguntaba si estaría creciendo bien mi niña, si vivía de rica en casas como las que habíamos visitado con mi organización. Si sería una de esas niñitas que nos miraban extrañadas a Jesusa y a mí porque nos sentábamos en el salón con su madre pero sin pertenecer, de forma evidente, a esos salones.

Ya no lograba sentir sus manos, como si su calorcito de cachorro hubiera partido para siempre. Y ustedes se preguntarán, con justa razón, ¿y el marido?

Como era de esperar, se enojó. No le gustaba esta nueva vida mía. Ni él ni la casa eran ya lo más importante. Un día, corregía yo un documento sentada sobre la hierba del jardín, bajo la palma, cuando lo sentí. Se acercaba por detrás. Amenazante, sí. Pero sin machete ni cuchillo. Con las dos manos agarró mi cabeza. Me tomó del pelo, lo tiró hacia atrás con fuerza y dijo: Abre los ojos, estoy con otra, tú ya no me sirves.

Tenía razón. No me importó.

A veces no llegaba. Pero nunca me dejó del todo sola. Que yo era loca, sí. Pero también valiente.

Lo conocí mientras trabajaba con mi abuela costurera. Pertenecía al grupo de amigos de su sobrina. Eran gente de ciudad, pobre pero

juízo contra meu hospital ia de vento em popa e começavam a ventilar os panos sujos, não conseguíamos dar provas concretas e eficientes para o tribunal. Era nossa palavra contra a deles. Nunca reconheceriam o roubo. Perguntava-me se estaria crescendo bem minha menina, se vivia em casas ricas como as que tínhamos visitado com minha organização. Se ela seria uma dessas meninas que nos olhavam estranhamente a Jesusa e a mim porque nos sentávamos no salão com sua mãe, mas sem pertencer, de forma evidente, a esses salões.

Já não conseguia sentir suas mãos, como se sua calorzinho de filhote tivesse partido para sempre. E vocês perguntarão, com justa razão, e o marido?

Como era de esperar, se enraiveceu. Não gostava desta minha nova vida. Nem ele, nem a casa eram o mais importante. Um dia, corrigia eu um documento, sentada sobre a erva do jardim, embaixo da palmeira, quando lhe senti. Aproximava-se por detrás. Ameaçador, sim. Mas sem machado ou faca. Com as duas mãos agarrou minha cabeça. Pegou meu cabelo, puxou-o para trás com força e disse: Abre os olhos, estou com outra, você já não me serve.

Tinha razão. Não me importei.

Às vezes não chegava. Mas nunca me deixou de todo sozinha. Que eu era louca, sim. Mas também valente.

Conheci-o enquanto trabalhava com minha avó costureira. Pertencia ao grupo de amigos de sua sobrinha. Eram gente da cidade, pobre mas

educada. Distintas de mí. Con vicios urbanos desconocidos hasta entonces. Vislumbré el empuje de la competencia brutal, la necesidad de surgir, las ganas de emerger, la rabia frente a los ricos. Eso ocurría poco en mis tierras. Siendo modesto, vivía mejor que yo. En su casa, los platos para comer eran todos iguales. Festejaban los cumpleaños y cualquier aniversario. Bebían licores. Bailaban. Decían bromas de tono subido frente a las mujeres. Eran más cariñosos y expresivos. Tenían más alegría que nosotros. Como si sus vidas fueran más cortas. La exprimían.

Él era un mujeriego. Y un buen mecánico. Había estudiado en la escuela técnica. Un trabajador especializado, con sueldo y sin ganas de casarse. Bailaba como los dioses. Se enamoró de mí porque me vio con el corazón tomado. No sabía de negativas. Me buscó, me persiguió, me festejó. Yo le dije un día que si se casaba conmigo, yo aceptaba ser su novia. Me dejaría besar y apretar. A los tres meses nos casamos. Lueguito estaba yo embarazada. Fue una buena cosa. Sería un buen padre. Era apegado a la familia, creía en ella. Y a mí, la familia me hacía falta. Me casé porque me gustó. Y porque ya era hora. Nunca lo amé como al príncipe pero lo amé. Nadie puede tener dos paraísos en una sola vida aquí en la tierra. Más tarde vi que la mayoría de las mujeres no alcanza a tener ni un cuarto de paraíso y yo tuve uno entero para mí. Era afortunada.

Nunca me arrepentí de haberme casado.

educada. Diferentes de mim. Com vícios urbanos desconhecidos até então. Vislumbrei o empurrão da competência brutal, a necessidade de surgir, as vontades de emergir, a raiva em frente aos ricos. Isso ocorria pouco em minhas terras. Sendo modesto, vivia melhor que eu. Em sua casa, os pratos para comer eram todos iguais. Comemoram os aniversários e qualquer aniversário. Bebiam licores. Dançavam. Diziam piadas subindo o tom na frente das mulheres. Eram mais carinhosos e expressivos. Tinham mais alegria que nós. Como se suas vidas fossem mais curtas. Espremiam-na.

Ele era um mulherengo. E um bom mecânico. Havia estudado na escola técnica. Um trabalhador especializado, com salário, mas sem vontade de casar. Dançava como os deuses. Se apaixonou por mim porque me viu com o coração tomado. Não sabia de negativas. Buscou-me, perseguiu-me, celebrou-me. Eu lhe disse um dia que se casasse comigo, eu aceitava ser sua namorada. Deixaria me beijar e apertar. Em três meses nos casamos. Logo engravidei. Foi uma coisa boa. Seria um bom pai. Era apegado à família, acreditava nela. E a mim, a família me fazia falta. Me casei porque gostei. E porque já era hora. Nunca o amei como ao príncipe mas o amei. Ninguém pode ter dois paraísos em uma só vida aqui na terra. Mais tarde vi que a maioria das mulheres não alcança a ter nem um quarto de paraíso e eu tive um inteiro para mim. Era afortunada.

Nunca me arrependi de ter casado.

<p>Bailarines los dos, éramos los mejores. Ganábamos los concursos del barrio, lo pasábamos bien. Me contentaba hacer vida de mujer joven, una novedad. Embarazada, seguí bailando los sábados. Pensaba que mi niña sería bailarina. Su gente me aceptó sin restricciones. Me quisieron por dos cosas: por alegre y por agradecida. Que no me quejara de nada y no me peleara con nadie les gustó. Mi suegra era una mujer especial, daba la impresión de venir de otro lugar. Alguno más refinado. Se casó mal, decían sus hermanos. Pero adoraba a su viejo, lo acompañaba en todo. Y le gustaba leer. Se impresionó al ver mis libros, no los esperaba en mis manos. En nuestro medio se leía poco, muy poco. Bueno, nunca le conté de dónde procedían. Se los fui prestando, uno a uno. Luego hablábamos de ellos. Ni el suegro ni el marido se acomplexaban, les parecía incluso gracioso que leyéramos, cosa de mujeres. Hasta nos pedían opinión cuando en la tele se hablaba en difícil.</p> <p>Eran muy católicos. Nunca les confesé la confusión que animaba mi cabeza. Un día me enseñaron imágenes, debía elegir algún santo para rezarle. Me quedé con una virgencita negra de mantos largos y llenos de brillo. Como un diamante. Ella fue siempre mi preferida.</p> <p>Sólo una vez se vieron con mis padres, para la boda. Desde el tren, llegaron en un taxi que les pagó el marido. Asistieron a la iglesia y a la fiesta como pollos en corral ajeno. Pero ahí</p>	<p>Dançarinos os dois, erámos os melhores. Ganhávamos os concursos do bairro, passávamos bem. Contentava-me fazer vida de mulher jovem, uma novidade. Grávida, seguí dançando aos sábados. Pensava que minha menina seria bailarina. Seu pessoal me aceitou sem restrições. Quiseram-me por duas coisas: por ser alegre e agradecida. Gostaram que eu não me queixava de nada e não brigava com ninguém. Minha sogra era uma mulher especial, dava a impressão de vir de outro local. Algum mais requintado. Casou-se mal, diziam seus irmãos. Mas adorava a seu velho, acompanhava-o em tudo. E gostava de ler. Impressionou-se ao ver meus livros, não os esperava ver em minhas mãos. Em nosso meio se lia pouco, muito pouco. Bom, nunca lhe contei de onde procediam. Fui emprestando, um a um. Depois falávamos deles. Nem o sogro nem o marido se complexavam, lhes parecia inclusive gracioso que lêssemos, coisa de mulheres. Até nos pediam opinião quando na tv se falava difícil.</p> <p>Eram muito católicos. Nunca lhes confessei a confusão que animava minha cabeça. Um dia me ensinaram as imagens, devia escolher algum santo para rezar-lhe. Fiquei com uma virgencinha negra de mantos longos e cheios de brilho. Como um diamante. Ela foi sempre minha preferida.</p> <p>Só uma vez se encontraram com meus pais, para o casamento. Desde o trem, chegaram em um táxi que o marido pagou. Foram à igreja e à festa como frangos em um curral alheio. Mas aí</p>
---	---

estaban, firmes y arregladitos, para desposar a su hija. Sólo yo sabía el tremendo sacrificio que hacían. La noche de bodas la pasé con ellos, partían de madrugada a la mañana siguiente. Los suegros y el marido se rieron de mí por esto pero respetaron mi decisión. No podía dejarlos solos en una casa extraña, eso sí que era mucho.

Cuando empezaron las dificultades, ellos fueron buenos conmigo. En medio de una fiesta familiar el marido dijo que ya no tenía mujer. Que me la pasaba en la calle y en reuniones. Y en hospitales. La suegra lo miró desdeñosa. Agradece tener una esposa con agallas, le dijo. El suegro le palmoteó el hombro con afecto: que no armara líos donde no los había. Suerte la mía que la palabra de ellos era ley. Más tarde pude conseguirle un nuevo trabajo: la jefatura de un taller mecánico grande, con obreros a su cargo. Por fin dejaba la construcción, que no era su oficio. Ellos le dijeron: agradece a tu mujer, los contactos no son cosa menor en la vida. Entonces me respetó más. En el fondo, algún orgullo le producía esta esposa que salía en la tele y que tenía oficina propia. Volvimos a bailar como antes. El primer sábado sentí a mi niña en mi vientre, bailando también. Me dio una fatiga. Más adelante la invitaba entre susurros a acompañarme. Hasta soñaba que alguna vez vería a una gran bailarina en un teatro importante y la reconocería.

Una noche le pregunté al marido qué

estavam, firmes e arrumadinhos, para casar sua filha. Só eu sabia o tremendo sacrificio que faziam. A noite do casamento passei com eles, partiam na madrugada à manhã seguinte. Os sogros e o marido riram de mim por isto, mas respeitaram minha decisão. Não podia deixá-los sós em uma casa estranha, isso sim que era muito.

Quando começaram as dificuldades, eles foram bons comigo. No meio de uma festa familiar o marido disse que já não tinha mulher. Que eu passava a vida na rua e em reuniões. E em hospitais. A sogra olhou para ele desdenhando. Agradece por ter uma esposa com coragem, disse-lhe. O sogro bateu em seu ombro com afeto: que não armasse desordens onde não os tinha. Sorte a minha que a palavra deles era lei. Mais tarde pude conseguir lhe um novo trabalho: a chefia de uma oficina mecânica grande, com operários a seu cargo. Enfim deixava a construção, que não era seu ofício. Eles lhe disseram: agradece a tua mulher, os contatos não são coisa menor na vida. Então respeitou-me mais. No fundo, algum orgulho produzia esta esposa que saía na tv e que tinha seu próprio escritório. Voltamos a dançar como antes. No primeiro sábado senti a minha menina em meu ventre, dançando também. Deu-me uma fadiga. Mais adiante a convidava entre sussurros a me acompanhar. Até sonhava que alguma vez veria a uma grande bailarina em um teatro importante e a reconheceria.

Uma noite perguntei ao marido o que

haríamos si alguna vez la encontráramos, ya crecida. La abrazaría, contestó él, y le diría que soy su padre. Yo me preguntaba si sería eso posible. Quizá nuestras voces le resultaran familiares, tanto le hablamos durante el embarazo. Pero me nublabá la duda. El qué hacer me perseguía, como si cualquiera de esas tardes de vuelta al pueblo me la fuese a encontrar. Al contar las bendiciones, decía mi mamá allá en el campo, que nunca rebasen la medida de un canasto. Si son demasiadas, se pierden. Lo recordé alguna noche de aquellas cuatro que pasé con mi niña en el hospital, sabiendo que de puro llena no debería ni contar. Tantas bendiciones tenía entonces. Mi hija, mi marido, mi juventud, mi educación. Los recuerdos del campo, la salud. Pero cuando empezaron las noches en la casa del pueblo, con el marido y sin ella, conociendo ya la calidad de su tibieza, el canasto comenzó a vaciarse. Despacio. Dulcemente.

faríamos se alguma vez a encontrássemos, já crecida. A abraçaria, respondeu ele, e lhe diria que sou seu pai. Eu me perguntava se isso seria possível. Quem sabe nossas vozes lhe resultassem familiares, tanto falamos durante a gravidez. Mas me enevoava uma dúvida. O que fazer me perseguia, como se qualquer uma dessas tardes de volta à vila a encontrasse. Ao contar as bênçãos, dizia minha mamãe lá no campo, que nunca ultrapassem a medida de uma cesta. Se são muitas, se perdem. Lembrei isso de uma noite daquelas quatro que passei com minha menina no hospital, sabendo que de tão cheia não deveria nem contar. Tantas bençãos eu tinha então. Minha filha, meu marido, minha juventude, minha educação. As lembranças do campo, a saúde. Mas quando começaram as noites na casa da vila, com o marido e sem ela, conhecendo já a qualidade de seu calor, a cesta começou a se esvaziar. Devagar. Docemente.